

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

Estado de Minas Gerais

SUMARIO

| REDAÇÃO: | Pag. | | Pag. |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| As excursões escolares | 1 | escola tradicional? — por D. Joaquim Silverio de Souza | 49 |
| COLABORAÇÃO: | | DAQUI E DALI: | |
| O escravo do artista — Tradução por J. Gouvêa | 5 | Pelotão de saúde e policia do grupo escolar de S. Tomás de Aquino — por Thomaz Sant'Anna | 67 |
| Uma escola no Sertão — por Abel Fagundes | 7 | Plantas extraordinarias | 69 |
| O cinema e a sua educação educativa — Tradução | 12 | A socialização na escola — prof. Aurora Aloise | 72 |
| A linguagem das Abelhas — Tradução | 17 | MOVIMENTO EDUCACIONAL: | |
| O cinema como fator da educação — Dr. Carlos Castrioto Mello | 20 | A Conferência Nacional de Proteção á Infancia | 73 |
| Crianças nervosas — dr. Hugo Vianna Marques | 26 | Bibliotéca Infantil — Catharina Silveira | 80 |
| O caráter educativo dos trabalhos manuais | 31 | Tests — ABC — por Maria Angelica de Castro | 86 |
| O concelho cristão da educação — Maria Luiza de Almeida Cunha | 41 | A ORTOPEdia MENTAL: | |
| Extravios da pedagogia da escola do trabalho — Juscelino de Aguiar Junior | 46 | Exercicios de memorias — por Helena Antipoff e Naytres de Rezende | 94 |
| NOTICIARIO: | | | |
| Deve a escola nova renegar a | | | |

AS EXCURSÕES ESCOLARES

BRASIL

Estado de Minas Gerais



O professor muito afeito á letra do Regulamento pode levar sua classe a uma prática ineficiente das atividades escolares. Em regra, os regulamentos não determinam, sob qualquer pena, este ou aquele procedimento: sugerem, aconselham, estimulam, insinuam tais e tais práticas escolares.

O professor não pode cingir-se, em questões de técnica pedagógica, a uma obediência cega. Não é isso o que se espera de sua inteligência e de sua iniciativa. Não é essa a melhor atitude na classe.

Dentro de nossa concepção da escola moderna, cabem perfeitamente todas as boas práticas do ensino. E nem é possível outra maneira de agir, sabendo-se que não pode haver educação standardizada, num Estado, como o nosso, onde os interesses e aspirações do povo não podem ser idênticos, dadas as circunstâncias peculiares a cada região.

Com as diferenças de vida, devem forçosamente vir as diferenças do ensino. Dentro de nossa orientação geral — ampla e larga — não pode haver uma uniformidade matemática. A unidade, na variedade, talvez seja uma fórmula que concretize o nosso ponto de vista.

A escola quer, por exemplo, que as crianças enfrentem problemas reais da vida: é a orientação geral.

O modo de sugerir esses problemas, a forma de resolvê-los, sua natureza e outras circunstâncias não podem, certamente, ser reguladas por uma lei que determine um caminho único a seguir.



Limitar a ação do professor, de forma que, segundo o ideal napoleônico, em todas as escolas de um Estado todos os professores ensinem de uma mesma maneira uma mesma coisa, é um absurdo que o desenvolvimento atual do ensino não comporta.

O professor terá sua liberdade de agir, dentro, porém, dos melhores princípios da pedagogia moderna.



O caso das excursões tem sido um exemplo típico de obediência ao regulamento, por parte de alguns professores. Daí tem resultado que essa prática, destinada a exercer grande influência sobre as crianças, em geral nenhum benefício traz.

As excursões devem perder aquele aspecto formal que as reduz a méros passeios monótonos.

Marcadas previamente pelos professores, sem um objetivo bem definido, tais excursões seria melhor que não se realizassem.

Convém, pois, ter presentes as seguintes diretrizes gerais:

1) não estabelecer um plano de excursões, com dias e horas previamente marcados para todo o ano;

2) não improvisar uma excursão, a não ser como complemento indispensável à aula e de fácil realização;

3) estudar os melhores meios de motivar uma excursão para que possa ela produzir os melhores resultados;

4) evitar as excursões destinadas a simples passeios;

5) aproveitar as excursões para socializar a criança;

6) objetivar bem os fins que tiver em vista alcançar nas excursões;

7) obter que as crianças desejem as excursões, afim de que não lhes sejam elas impostas como uma coisa fastidiosa e, portanto, deseducativa.

Além destas e outras cousas, devem os professores colocar o máximo cuidado na sua própria preparação, procurando, antecipadamente, conhecer o local da excursão, examinando os problemas que possam surgir.

Como, em regra, os alunos vão formular perguntas, principalmente em se tratando de visitas às fábricas e repartições, conviria que eles também se preparassem para a excursão.

Um professor diz que os alunos devem levar questionários investigativos, com as seguintes partes:

a) questionário de observação, para tudo o que os sentidos apanham;

b) questionário de entrevista, para o aluno tomar informações com quaisquer pessoas; etc.

O professor poderá ajudá-los na organização de tais questionários, que serão, mais simplesmente, lembretes.

—o—

Com estas e outras cautelas, não ficará cerceada, mas apenas orientada, a iniciativa do professor. Devem, entretanto, todos examinar bem o assunto, que é vital, na escola moderna.

—o—

O que se deve ter em vista, numa excursão, é enriquecer a experiência da criança pelas lições salustares que o professor pôde tirar dela. Mas é preciso que as crianças tenham necessidade de realizá-la, isto é, deve ser motivada, deve corresponder a um desejo coletivo. A excursão deve ser um instrumento de informação para os alunos.

—o—

As vantagens de uma excursão bem organizada e bem conduzida são inúmeras, pelas variadas oportunidades de socializar a criança, pela riqueza de conhecimentos que por meio dela podem ser adquiridos. É uma aula viva, que cumpre aproveitar convenientemente.

Além da finalidade prevista pela classe, na organização e realização das excursões, pôde o professor examinar vários pontos de geografia, de his-

tória, de ciências naturais, de matemática, etc., estudando, com os alunos, vendo com eles, observando com eles.

Há, nas excursões, material variadíssimo para todas as matérias do programa e vastas fontes de informação para elucidar o conhecimento dos alunos sobre os objetivos particulares que os motivaram. Realizada a excursão, poderá ser ela objeto de um relatório, e então têm os professores excelente motivo para o ensino da linguagem.

Conforme for a habilidade do professor, os conhecimentos adquiridos, os fatos observados etc. constituirão assuntos palpantes para vários dias de trabalho.

Ponto é que as crianças participem efetivamente das atividades suscitadas pelas excursões.

COLABORAÇÃO

O escravo do artista

Apeles, o célebre pintor grego, achava, ás vezes, entre os trabalhos dos seus discípulos, esboços que revelavam dotes artísticos por demais extraordinários.

O singular, porém, era que os mesmos surgiam á noite e não se descobria o seu criador.

Certa manhã, como de costume, entrou o artista em seu estúdio e encontrou os alunos, de pé, diante de um quadro, absortos na contemplação da sua beleza que, após detido exame, pôs Apeles em tal estado de arrebatamento, que exclamou, involuntariamente:

— "O autor desta obra será, um dia, mestre de nós todos!"

Interrogados acerca de quem provinha o trabalho, responderam que, a respeito, não faziam a menor idéia.

O mestre mandou vir á sua presença um jovem escravo, a quem incumbia o dever de cuidar da casa.

— “Quem esteve no estúdio, pela noite?” — interpe-
lou êle ao pobrezinho, que tremia de medo.

— “Ninguém, a não ser eu.” — foi a resposta.

— “Bem, ficarás vigilante, replicou o mestre, com rispidez — “c, se, a manhã bem cedo, não souberes informar-me sobre quem passa a noite, aqui, receberás vinte bastonadas. Isso te aguçará os olhos”.

Entretanto a curiosidade não deixou Apelles dormir.

Na manhã seguinte, dirigiu-se, mais cedo que comumente, para o estúdio, com os discípulos.

Qual não foi, porém, o seu grande assombro ao encontrar o escravo occupado em terminar o quadro, que havia principiado na noite anterior!

— “Com quem aprendeste a pintar?” — perguntou o mestre.

— “Com o senhor, meu amo”.

— “E a desenhar?”

— “Com o senhor, meu amo”.

— “Mas nunca te ensinei”.

— “O senhor ensinava aos seus discípulos e eu assistia”.

— “Ainda mais: foram-te proveitosas as minhas lições”.

Então, voltando-se para os discípulos:

— “Que merece o escravo?”

— “A liberdade, a liberdade!” — clamaram á una.

Eis que o escravo se lança aos pés do seu dono, abraçando-lhe os joelhos, chorando:

— “Não, não a liberdade para mim, mas para papai”.

— “As tuas habilidades provaram a tua inteligência, mas o teu pedido mostra o teu bom coração. Não mais serás meu escravo e, sim, meu filho. Teu velho pai é livre”.

(Traduzido do alemão por J. Gouvêa. Berlitz, II, p. 94.)

Uma Escola nova no Sertão

Abel Fagundes, assistente técnico regional

Entre os municípios de Frutal e Prata, ao ultimo dos quais se subordina administrativamente, situa-se o distrito de Campina Verde, a cerca de 14 leguas da sede municipal.

Chamou-se, até anos atrás, Campo-Belo, sede de um reputado seminário que formou grandes espiritos de uma geração passada.

Logo á entrada do arraial se ergue o velho edificio, cujas ruínas sepultam a tradição de tempos aureos, quando Bernardo Guimarães, dentro daquelas paredes e sob aquele léto, ensaiava, nos cadernos de exercícos escolares, o voo com que entraria triunfalmente para a história da literatura nacional.

Ao lado do seminário está se erguendo agora a igreja, que se destina a ser um dos mais belos templos do Triangulo Mineiro.

E' daí que parte a praça principal, que melhor se diria, pela sua extensão e largura, uma ampla avenida.

E' nesta praça que se localiza um colegio particular, o Liceu Mineiro, dirigido pelo pharmaceutico Osvaldo Vieira e sua senhora, d. Demetildes Vieira.

Haviamos ido a Campina-Verde exclusivamente para visitar o Liceu. Dêle nada sabiamos senão que o seu diretor desejava anexar-lhe uma escola normal de frequência gratuita, para o que pedira ao Governó a concessão de fiscalização gratuita.

A Administração nos mandava para verificarmos as possibilidades de exito com que contasse a ousada iniciativa.

Apenas chegados, pois, puseram-nos em contacto com o diretor do Liceu, que desde logo nos impressionou favoravelmente.

Inteligência, cavalheirismo, palavra facil e suave. tudo isso torna o professor Vieira uma dessas figuras simpaticas com as quais a gente se sente bem desde o primeiro contacto.

Conquanto fosse noite, quisemos logo visitar o instituto, que dispõe de dois predios.

No primeiro dêles, instalou-se o gabinete do diretor, os dormitórios, refeitório e cozinha, sob a direção immediata da senhora Vieira.

No segundo ficam as salas de aula e as oficinas de tipografia e marcenaria.

Tudo nos impressionou bem, desde a entrada.

Na sala da frente, achavam-se duas ou tres mesas, algumas carteiras, uma estante com pedaços de madeira, rolos de papel, e pelas paredes, afixadas a tabletas de madeira lósca, folhas de papel almasso, riscadas a côres diferentes em direções várias.

Aproximámo-nos mais, e verificámos serem gráficos de distribuição do tempo. Cada aluno tem o seu gráfico semanal, no qual registra, á medida que os vai empregando, os períodos de 20 minutos gastos no trabalho.

No chão havia uma caixa comprida, que continha instrumentos de marcenaria.

Passámos a outra sala. O mobiliario desta compõe-se de carteiras individuais, dispostas no sentido de comprimento da sala, de maneira, porém, a ficarem frente a frente os alunos das duas fileiras, separados por um grande espaço central.

Ao fundo ficam o quadro negro, uma estante com livros do Liceu, que os alunos podem ler, e uma outra estante, esta fabricada pelos proprios alunos, onde se guardam livros e jornais, por êles proprios obtidos.

Penetrámos o interior da casa, e vimos, numa parede, uma caixa de madeira fechada a cadeado, á guisa de armário. Indagámos do que era, e surpreendeu-nos a resposta: tratava-se do cofre do Banco Escolar. Quis saber do seu funcionamento e do estado actual dos seus negocios. Mas a minha curiosidade teve que se revestir de paciência. O expediente do Banco estava fechado, e o gerente se retirára para casa, levando a chave do cofre.

Passámos daí á tipografia, onde me foi dado ver várias composições tipograficas feitas pelos alunos.

Era tarde, já. Estava eu, então, senhor da ambiência escolar do Liceu. O continente impressionára bem. Corresponderia a êle o conteúdo? Como se distribuía ali o tempo entre os trabalhos manuaes e os intellectuais? Eram âncas motivadas na vida infantil esses trabalhos, ou resultavam de uma imposição externa- "pour épafer"?

Eram perguntas que nós formulávamos, sem saber como nem porque. Logo vimos, aliás, que a última delas era absurda. Uma obra como aquella, perdida num meio rural, só obstaculos poderia encontrar na sua realiação.

Pois se a cidade ainda hoje desconfia da escola nova, não lhe compreende a razão de ser, censura os seus processos de trabalho, não seria ali que um homem, para agradar ao povo, apenas, fosse instituir uma legitima escola nova.

Na manhã seguinte fomos assistir aos trabalhos. Entrámos. Demos o "bom dia", e fomos correspondidos cordialmente.

Cerca de 8 alunos estavam na primeira sala, occupando carteiras individuais móveis.

Tres deles faziam exercicio cartografico, localizando, no mapa do Brasil, as produções vegetais. Um copiava, do Te-souro da Juventude, uma poesia que pretendia decorar. Outro copiava em cadeira, para ornamentar uma estante, se não me engano, um passaro qualquer.

Na sala seguinte, uma menina ditava com clareza um trecho do livro, que outros escreviam. Notei, porém, que na mesma sala alguns alunos, reunidos em frente ao quadro negro, faziam trabalhos diversos: analizavam, lexica e logicamente, um excerpto.

Explicou-me o director: os alunos constituem grupos, ao sabor das proprias afinidades, para a realiação de seus trabalhos.

Ora, naquela classe, havia escrevedores velozes e tardos. Agrupavam-se, por isso, de accordo com a sua capacidade de trabalho. E como, feito o ditado, lhes sobrara tempo, resolveram fazer analyse. Cada qual analisava uma palavra, e quando havia duvidas, então recorriam ao professor, que as resolvia, como me foi dado presenciar.

A esse tempo, a tipografia estava em movimento. E' que haviam chegado filmes nesse dia, e á noite devia realisar-se a sessão cinematografica. Os tipografos, que accumulam com estas funções as de redatores, estavam compondo os programas, que dai a pouco um dos escoceiros do Liceu distribuía pela povoação.

Iamos passar á sala de trabalhos manuaes das alunas. Fomos detidos no corredor. Uma garotinha vinha perguntar ao director: — "Senhor Vadico, nós podemos fazer um auditorio?"

O assentimento foi immediato.

— Que hora? interrogou a menina.

— Quando quiserem, tornou o director. Quando tudo estiver pronto, você nos chame.

E fomos ver a classe feminina em trabalho.

Naquele dia fabricavam-se barracas. Os escoteiros tinham, por aqueles dias, de fazer uma demorada excursão ao campo. As colegas preparavam as barracas do acampamento.

Nesta sala existia um armário, fechado.

Indagámos do seu conteúdo.

E ficámos sabendo que se tratava da Venda escolar.

Ali havia apenas material escolar e alguns doces.

O material é adquirido na cidade, e os dirigentes da venda se correspondem com os comerciantes, discutem com eles as conveniências dos seus negócios, fazem pedidos, efetuam pagamentos, calculam lucros.

Mas, de onde proviêra o dinheiro? Do Banco. O Banco não podia apenas receber depósitos. Iria à falência, tanto mais quanto pagava taxas de juros, que desde logo censurarei.

Mas o diretor do Liceu deve ter sido aluno de escola ativa e me respondeu que, sendo pequenos os depósitos, só uma taxa elevada podia dar aos clientes uma impressão real de acréscimo do capital depositado. A Administração do Banco emprestára, pois, o capital à venda. Mas, para controlar o emprego desse capital, para evitar um possível prejuízo, teve esta originalíssima exigência: a Venda deposita diariamente no Banco o dinheiro entrado, sobre o qual se contam juros.

Além deste negócio, o Banco efetua outros tais como empréstimos aos alunos, cobrando também juros elevados, e munindo-se das garantias legais.

Assim é que os títulos emitidos são selados e trazem, no verso, o aval de dois "cidadãos" de responsabilidade no seio da comunidade escolar.

E' tempo ainda de observar que os doces e sequilhos negociados pela venda são fabricados da seguinte maneira: a venda fornece os ingredientes às meninas, e estas fabricam biscoitos, bolos e doces, para serem vendidos como merenda aos demais alunos.

Não recebem, por esse trabalho, remuneração alguma. Como, porém, todas as organizações escolares capazes de produzir renda estão federadas ao Sindicato do Liceu, ao fim de certo tempo, faz-se a partilha dos lucros obtidos, entre os que contribuíram para a sua existência.

SITUAÇÃO REAL. DISCIPLINA. TRABALHO. ALEGRIA

Havia no pátio grande numero de alunos. Barulho de conversa. Rumor de madeiras gemendo sob as dentadas dos

serrotes. Gritos de pregos perfurando as fibras das madeiras.

Fomos presenciar de perto o que se fazia.

Alguns pequenos preparavam bastões que, após servirem de apoio durante a jornada ao campo, seriam utilizados na armação das barracas.

Outro grupo se formára em torno de um objeto, que verificámos ser o pilão de um monjolo, cuja concavidade estava sendo queimada, postas as brasas sobre um revestimento de barro.

Nós desconhecíamos a razão desse procedimento. Mas sabiam-no os alunos, que, desejando fabricar o monjolo, foram observar os da redondeza e pediam informações. Souberam, assim, que, para evitar o desgastamento do pilão, era preciso queimar-lhe o interior, e a operação só se realizaria sem dano fazendo que o calor o atingisse indiretamente, através de uma camada de barro.

O pequeno que, momentos antes, desenhava em madeira o passaro para ornamentar a estante, já agora o serrava.

Vimos ainda, ao lado, o jardim escolar, para cuja rega os próprios alunos haviam feito o encaenamento de agua.

Em certo momento, um robusto "boy-scout" veio trazer ao diretor uma lista, que era a dos medicamentos que deviam acompanhar os excursionistas. Deu-lhe ordem o diretor para verificar o que houvesse no Liceu, procurando na farmacia proxima o que faltasse.

Um pequeno veio, correndo, pedir a outro uma ferramenta. Este recusou-a. Mas o primeiro voltou: "eu faço a requisição!" E obteve o consentimento para retirar o instrumento.

A propósito, contou-nos o diretor que a principio se desavinham de continuo os alunos por causa das ferramentas. Queriam todos usá-las a um só tempo. Resolveu o diretor entregar-lhes a direção do material. E tudo saiu a contento.

O AUDITORIO

Anunciaram que o auditorio estava pronto.

Fomos para o salão. Nada de artificial.

O ambiente comum da sala de aulas, com duas poltronas de vime para o diretor e o visitante. Uma aluna, das maiores, dirigia a representação, lendo o programa. E cêra

de doze números foram levados a efeito, com graça, espontaneidade e perfeição.

Foi dos melhores auditórios a que temos assistido.

Aí fica, em rápido e impreciso escorço, o conjunto de impressões que trouxemos do Liceu Mineiro de Campina Verde.

A visita apressada, que fizemos, não nos permitiu a anotação de dados que com mais nitidez pudessem apresentar o estabelecimento.

Da excursão escoleira fez o diretor do Liceu um relatório que a Revista publicará. E de outras atividades efetuadas no Liceu, como de algumas reformas por que passaram as suas instituições internas, daremos notícia mais tarde, já agora munido de informações prestadas pela sua diretoria.

As notas, que aí ficam, foram redigidas com a maxima singeleza, com impressões já um tanto esfumaçadas na memoria, dado especialmente o atropelo com que foram recolhidas.

Deus queira, porém, e nos daremos por bem pago do trabalho de redigi-las, que possam influir animo a quantos vieram para as fileiras escola-novistas, e dar-lhes a certeza de que tudo se pode realizar quando se alia ao conhecimento de sua profissão o amor á criança e o desejo sincero de trabalhar pelo advento de uma sociedade melhor.

O cinema e a sua educação educativa

A sra. E. Formiggini-Santamaria, professora de Filosofia e Pedagogia no "Istituto Reale Magistrale Margherita di Savoia", de Roma, escreveu para a revista do Instituto Internacional do Cinema Educativo, da mesma capital, patrocinado pela Sociedade das Nações, um trabalho em que trata da influencia educativa do cinema e da utilidade didáctica do "film", distinguindo implicitamente os dois generos de projecções: a projecção livre, procurada espontaneamente pelas crianças (cinema de espetaculo publico), e a projecção escolar.

E' o seguinte o artigo, que, data venia, reproduzimos:

"Devo dizer de começo que observações pessoais e investigações feitas a este respeito nas minhas classes — curso superior do "Istituto Magistrale" — confirmam a convicção geral, de que eu mesma partilho, da maioria dos pedagogos

contemporaneos, a saber: que cada individuo toma de fóra de si o que corresponde ás suas disposições — inatas ou adquiridas no ambiente familiar durante o primeiro periodo de vida. Em consequencia, não se poderia falar de uma influencia educadora do cinema senão no sentido de uma influencia da visão cinematografica com as tendencias naturais da criança. O fato de que quasi todos os adolescentes preferem os "films" emocionantes, sentimentais, e mesmo os de genero historico, por predominar neles, poderosamente, um sentimento de amor e de sacrificio (como em "Trafalgar", por exemplo), enquanto que as crianças, até quinze anos, gostam dos "films" de aventuras e dos "films" comicos, demonstra perfeitamente que é o estado de espirito o que as orienta na escolha dos espetaculos e não o genero dos "films" vistos, o que dá, as mais das vezes, ao espirito, tal ou tal direção. Admitido isto, é evidente que os "films" de aventuras recombosas não terão força para levar ao roubo, á marteira, á crueldade, uma criança de caráter docil e educada num meio honesto; muito menos os "films" que apresentam ações generosas e de seres amantes apaixonados do trabalho, collocarão o egoista e o vagabundo no bom caminho. Entretanto, esses "films" poderão ser a causa de uma mudanca mais decisiva nesta ou naquela direção dos que se sentem já inclinados a segui-la. E' sob este ponto de vista que se condenaram com razão — os "films" que deservem minuciosamente atenfados á propriedade, ou cenas eroticas, porque determinam e concretizam disposições ainda mal definidas entre os espiritos predispostos.

Minhas alunas são entusiastas do cinema que, como o romance, constitue para a maioria d'elas as unicas distrações. Convidadas a dizerem se o cinema teve qualquer influencia na formação do seu caráter, essas moças, já habituadas á introspecção, excluíram unanimemente o fato de que os espetaculos "vistos em imagens" tenham encontrado neles ecos profundos. A dois respeitois somente, muitas assinalaram o efeito duravel dos "films": — acentuação da sua tendencia ao devaneo e — entre as que já eram medrosas — acentuação do terror da solidão e da obscuridade, depois de assistirem a projecções impressionantes. Para todos os outros espetaculos da atividade espiritual, minhas alunas constataram que o que se vê no cinema produz impressões vivas, sem duvida, mas tão fugazes que se desvanecem quasi inteiramente no dia seguinte. Elas fizeram a mesma observação em seus irmãozinhos. São eles entusiastas de Tom Mix, e al-

guns, depois de terem visto o seu herói no cinema, se mostram mais turbulentos no outro dia, manifestando, na sua conversação, o desejo de se tornarem "cow-boy", mas, alguns dias depois, não pensam mais nisso.

De qualquer modo, o sentimento sendo o que mais écos encontra no espírito das meninas, e a aventura no espírito dos meninos, sou levada a concluir que se deveriam preparar, para cada sexo, "films" diferentes e que, correspondendo ás suas tendências, concorressem para guiar o seu espírito para mais nobres ideias. Pois que a riqueza de sentimento é uma fonte de bem, uma vez dominado, disciplinado pela razão. Dever-se-iam evitar para meninas e moças "films" onde o amor é o único objetivo, os "films" que representam paixões irrefreáveis, que exaltam o valor de si no sacrificio da honestidade pelo homem amado, os "films" onde se vêem mães abandonar seus filhos, ou filhas abandonarem os pais pelo homem amado, os "films", enfim, que fazem da paixão amorosa o supremo ideal da vida. Pelo contrario, o sentimento da maternidade — que encontra tão profundos écos na alma da mulher — poderia representar um grande papel nos "films": a luta da mulher que, enganada pelo espóso, triunfa sobre si renunciando ao amor, pensando que, sem elas, os filhos eresceriam infelizes e talvez criminosos; a joven ludibriada, que arranca do coração a imagem de um homem indigno e se devota a uma vida de abnegações, dando e recebendo mais amor que ela não encontrou nem recolheu no circulo estreito de um lar; atos de heroismo de espósas e mães; "films" historicos passando na tóla as mulheres mais illustres do "risorgimento", as corajosas martires de uma idéa (revolução franceza, martirologio cristão).

Para os meninos, que gostam do que é aventura, os "films" que lhes apresentam de peripécias inverosímeis e sem pé nem cabeça, poderiam ser vantajosamente substituidos — além dos documentarios autênticos sobre explorações, sobre a conquista do polo, dos picos, do ar — por "films" romanescos, nos quais a delicadeza dos sentimentos e das intenções prevalece sobre a força bruta e seus infalíveis successos, e também, quando são na verdade belos (como Siegfried", por exemplo) pelos "films" de lendas. E, para as crianças, que gostam do comico e que são entusiastas de Zigoteau e de Mickey, é preciso criar "films" que as façam rir, mas de um riso inteligente, sensato, "films" que não obriguem o espectador a achar engradas sómente palhaçadas e carctas. Por que não "filmar", também, belos contos (que não

sejam assustadores), no mundo fantasista, onde se podem encontrar tantos motivos de comicidade e bom humor? E, uma vez que os animais exercem tanto atrativo nas crianças, até á idade de dez ou doze anos, por que não reproduzir fábulas onde os animais se portam como gente, unindo assim o comico a uma impressão de realidade? E, para as crianças desta idade ainda, não seria excelente idéa "filmar" o que lhe agrada nas suas leituras, como os contos de De Anicis, por exemplo, sob a condição, naturalmente, de que esta adaptação á tóla esteja impregnada do espirito do autor e do das crianças, para que não succeda o que succedeo ao "Piccolo patriota padovano": no "film" tirado deste conto, o tipo simpático do italianinho, onde a verdade e a bondade residem essencialmente na explosão espontanea do sentimento patriotico, activa reacção de uma ofensa feita á Italia, torna-se um parodoxo de patriotismo, que viaja com uma bandeira, que aperta continuamente esta bandeira ao peito e a beija a proposito e sem propósito. Há, entretanto, um interessante exemplo de adaptação no "Sans Famille", "film" tirado do romance de Hector Malot.

A excelente idéa do Instituto Luce de exhibir em certos dias, e em determinados cinemas, "films" convenientes ás crianças, não teve infelizmente o resultado que merecia. Este insuccesso parece-me que deve ser attribuido a duas causas: a primeira, o carácter essencialmente científico dos "films" escolhidos, e, em consequência, a falta de interesse para as crianças; a segunda, é que as mães, quando levam seus filhos ao cinema, se preocupam mais com a satisfação do seu proprio gosto que da educação dos seus pimpóhos. Pode-se ficar convencido disto constatando o numero consideravel de crianças nos cinemas onde se passam "films" passionais ou "pochades" mais ou menos audaciosas.

Pois, se se quer que as crianças e os adolescentes assistam a representações cinematograficas a elles destinadas, é preciso criar "films" que os interessem vivamente e fazer respeitar o "veto" aos espetaculos inconvenientes á sua idade.

Por "films" impróprios para menores se deveriam entender todos os que mostram o homem preso de uma paixão, qualquer que seja; e todos os que, embora não contendo nada de positivamente immoral, justifiquem a tafularia, o amor ao luxo, e mostrem complacentemente os personagens de um vida inutil, vã e sem objetivo.

Viajando na Hungria, há alguns anos, tive occasião de verificar que ao se encontrar á porta de um cinema o aviso:

"Os espectadores de menos de dezesseis anos são admitidos", crianças e adolescentes, excluídos da maioria dos cinemas, compririam-se nas bilheterias, e, com eles, os pais.

II

Na didática, o cinema tem realmente marcado uma nova época. Certas idéas de lições de coisas e de costumes que o professor diligente inculcava com dificuldade aos alunos fazendo apêlo à sua imaginação e auxiliando-se com cartões postais, livros ilustrados, modelos plásticos, podem, agora ser provocados pelo cinema com toda a clareza.

Mas isto não vale dizer que esta forma de auxílio didático possa e deva substituir inteiramente a realidade, primeiro, porque as imagens se desvanecem tão rapidamente do espírito quanto sucedem na tela; depois, porque as imagens vistas na tela não despertam interesse tanto como o real que, durante um passeio ou na visita a um museu, afeta vários sentidos ao mesmo tempo e se alia a um conjunto muito mais vasto de impressões espirituais. Entretanto, em todas as ocasiões em que os alunos não possam ser postos em contacto com as coisas e os fatos que se deseja fazer-lhes conhecer, o cinema é precioso. E o é particularmente para a geografia no sentido mais amplo (antropo-geografia) e para as ciências naturais. Seria precioso também para a história, se existissem "filmes" reproduzindo episódios dos grandes acontecimentos históricos. Para as ciências físicas, ao contrario, não se poderia esperar um auxílio sério do cinema, não tanto pela rapidez com que uma experiência é necessariamente mostrada pelo "film", como pela falta de relevo e de côr da imagem.

Mais vale, na minha opinião, uma experiência feita na escola, com os recursos modestos de que o professor dispõe preparando-a sob os olhos dos alunos e na qual os mesmos podem cooperar, do que uma experiência difícil e maravilhosa-mente auxiliada na tela.

Quanto à maneira de se utilizar do cinema no ensino, penso que, dada a possibilidade de fixar a projeção, o comentário do professor vale mais que os melhores dizeres, sobretudo para as classes elementares.

Com efeito, o professor que conhece a classe, que conhece o grau de instrução dos seus alunos e que, por conseguinte, sabe a que conhecimentos já adquiridos pode ligar as imagens apresentadas na tela, fará necessariamente o co-

mentario mais apropriado. Os dizeres, ao contrario, destinam-se a um tipo geral de aluno e supõe idéas, conhecimentos e faculdades de compreensão que podem não ser adequados a quem os lê. Não acho que os subtítulos devam ser abolidos: quero dizer simplesmente que não se deve contar só com eles para a compreensão do "film". O comentário do professor será sempre o meio mais seguro. Mas comentário não quer dizer explicação. Uma explicação deve ser preparada, ordenada; deve entrosar-se nas lições precedentes e preparar os futuros conhecimentos, coordenar o saber em um todo e, sobretudo, fazer participar a classe, pelo esforço individual, na aquisição dos conhecimentos.

Uma explicação não pode realizar-se no decurso da projeção. Por outro lado se a explicação foi dada depois da projeção, não se tendo compreendido grande parte do "film", o mestre pode, em sua lição, referir-se a detalhes que tivessem passado despercebidos aos alunos. De resto, para que qualquer coisa da visão cinematográfica subsista, é preciso que o que se vê encontre pontos de referencia no espírito. Em consequência, o "film" não deveria ser uma substituição parcial da lição, mas um complemento dela. A lição dada com os meios didáticos representativos habituais, acompanhada, se necessario, de leitura, encontraria emfim na projeção do "film" sua síntese mais viva e agradável. E durante a projeção, o professor poderia trazer à memoria dos alunos noções dadas precedentemente, chamar a sua atenção para certos pormenores, explicar certas passagens, etc. . . ."

A linguagem das Abelhas

(Comunicado da Diretoria de Publicidade, da Secretaria da Agricultura).

"Como se entendem as abelhas? Eis aí uma questão que tem preocupado muito os observadores e estudiosos e sobre a qual tão interessantes conjecturas têm sido feitas, visando desvendar a misteriosa linguagem pela qual as abelhas se comunicam.

Recentemente, um autor suíço, o dr. Fritz Leuenberger, publicou um trabalho muito interessante sobre as abelhas, procurando responder as diversas questões que ha muito desafiam a nossa curiosidade e dedicando um capítulo especial á sua "linguagem".

Propõe diversas questões muito interessantes. Como se entendem as abelhas? Como trocam suas impressões? Que maravilhoso instinto as conduz para tal ou tal flor? Como as chefes de cada colméia transmitem suas ordens ou as notícias às colhedoras de pólen?

Para resolver esses problemas, o autor considera o "órgão olfativo", descoberto por Nasonoff, em 1883, no abdômen da abelha, como um minúsculo posto emissor de radiotelegrafia. Vários autores têm dedicado sua atenção ao estudo desse curioso órgão da abelha, o qual consiste numa massa glandular, ordinariamente dissimulada sob o tecido mole que liga o 6.º e o 7.º anéis abdominais. Canais muito finos comunicam cada célula glandular com o exterior. Quando em repouso, o órgão olfativo emissor se acha inteiramente escondido pela cadeia cornea periférica de chitina, que forma a armadura externa do inseto. Mas, á custa de um jogo especial de músculos, o último anel pode bascular para baixo. Então o tecido mole que liga os dois anéis se estende, exteriorizando o órgão olfativo emissor. Nesse momento a abelha expede um odor "sui generis", para o qual as suas companheiras possuem uma especial sensibilidade.

Além disso, as abelhas da mesma colméia teriam o poder de emitir um perfume "de certo comprimento de onda" imperceptível para as abelhas de outros enxames.

Qualquer que seja o grau de justeza de tais suposições, ha observações com que se relacionam e que as tornam legítimas.

Leutenberger repetiu a classica experiência de Huber, com algumas modificações. Colocou no jardim, sobre uma mesa, próximo ao seu colmeial, um prato com agua açucarada. Apesar do calor e da beleza do dia, passaram-se horas sem que uma unica das laboriosas fabricantes de mel notasse o peíisco. A tarde, uma abelha veiu, por acaso, voltejar em torno do prato e depois, pousando na beirada, começou a sorver o néctar açucarado. Mas o observador perturbou-lhe a festa. Caçot-a cuidadosamente e marcou-lhe o dorso com um sinalzinho a verniz.

Solta em seguida, voltou sobre o prato e continuou a sugar tranquilamente a calda. Depois, voou para a sua colméia.

"Eu já sabia, diz o autor, que, chegando á sua casa, a minha abelha iria vomitar o liquido açucarado, por meio de sua tromba, para entregá-lo a algumas companheiras, e em seguida executaria alguns passos de valsa, coordenados, para

comunicar ás suas irmãs, por meio dessa linguagem apícola, que lá, em certo lugar, havia qualquer coisa a colher e que logo algumas abelhas da mesma colméia sairiam em busca da fonte do néctar". Entretanto, essas ultimas não se orientaram bem, porque ao cabo de alguns minutos a abelha marcada de amarelo voltou sózinha para o prato. "Iscrevi, então, prossegue o observador, que entro os dois ultimos anéis do abdômen se abriu uma fenda, ao fundo da qual se percebia uma mancha clara, uma dobra da pele humida e brilhante: era a glandula descoberta por Nasonoff e cujo valor biológico fóra recentemente posto em fóco por von Frisch, de Munich". Graças a esse órgão olfativo, que Leutenberger denominou "o emissor de T. S. F." das abelhas, o inteligente inseto completa a imperfeição da sua linguagem e dos seus gestos. Ela despede ondas que só podem ser captadas pelas companheiras da mesma colméia, como provou o prosseguimento da experiência.

Pouco depois, uma outra abelha que volteava por ali veio também pousar sobre o bordo do prato. Foi igualmente marcada e voltou para sua casa. Ai, fez as mesmas explicações coreograficas e distribuiu também algumas gotas do néctar açucarado ás amigas. E ambas convidaram algumas companheiras da sua colméia a segui-las. Tanto assim que ao fim de meia hora centenas de abelhas se achavam reunidas em torno do prato de mel artificial. Mas, coisa curiosa, das vinte colmeias que compunham a criação do habil experimentador, a população de uma unica participou da "pilhagem".

Afinal, quando o prato foi ficando vazio, cessou pouco a pouco o affluxo de convivas, pararam os passos de valsa diante da colméia e as radiotelegrafistas recolheram sob os anéis abdominais o seu pósto emissor de T. S. F., pois que já não havia mais necessidade de indicar ás companheiras a posição exata do lugar do banquete extinto.

As observações do dr. Leutenberger e de outros muitos estudiosos demonstram também que o olfato das abelhas reside nas antenas. Além disso, os entomologistas puderam demonstrar que, se as abelhas só podiam perceber o perfume das flores a uma pequena distancia, o contrario se verifica com respeito ao odor emitido pelo órgão olfativo emissor de suas companheiras. Realmente, as abelhas são extraordinariamente sensíveis aos effluvios perfumados dessa glandula.

O sábio suíço pensa também "que no caso não se trata de um odor comum, que representa uma emissão de substan-

cia material facilmente volatilizável, mas, sim, de uma verdadeira irradiação cujo órgão receptor, nas abelhas, não seria o seu órgão olfativo ordinário."

No mais, a extraordinária glandula descoberta por Nasonoff há cerca de meio século, e cuja utilidade só agora se vai conhecendo, não serve apenas às abelhas para o gozo das gulodices. Ela lhes serve também para a orientação. Quando, por exemplo, as habitantes jovens de uma colmeia saem pela primeira vez, pôde-se observar, sobre o soalho do vestibulo da colmeia, algumas abelhas com o seu órgão olfativo emissor aberto e a ponta do abdomen levantada. Parece que essas minuscultas "radiotelegrafistas" querem enviar mensagens através do espaço para orientar suas irmãs em atividade ao longe e assegurar-lhes a volta para casa.

Quando a rainha dêsse enxame sai para se casar nos ares, igualmente se observam, na entrada da colmeia, algumas dessas abelhas, que não só lhe fazem manifestações de amizade, mas também a "radiogoniometria" por meio do seu "posto emissor" abdominal, indicando assim à sua rainha o melhor caminho para o rápido progresso, após o seu hímeneu aéreo".

(Do "Estado de S. Paulo").

—o—

O cinema como fator da educação

Por ocasião da 4.^a Conferência Rotaria, do Distrito de Niterói, o dr. Carlos Castrioto Mello apresentou o seguinte terna, que foi aprovado:

"Sempre que se me oferece oportunidade de apresentar qualquer trabalho perante reuniões rotarias, as minhas vistas se voltam, irresistivelmente, para os assuntos referentes á educação.

Sendo, sem dúvida, a educação do povo o nosso maior problema, cuido que, no Brasil, deve o Rotary encamar o mesmo antes de qualquer outro, sem prejuizo das demais atividades que lhe são peculiares.

De há muito me venho preocupando com o formidável auxilio que o cinematógrafo pode prestar á educação, como de fato já vem prestando.

Desejo, portanto, chamar a atenção dos meus companheiros rotarianos para este assunto, certo de que o seu estu-

do e a sua aplicação na prática muito poderão concorrer para minorar os males da deficiente educação do nosso povo.

Na verdade, nada mais interessante, mais sugestivo, mais rico de recursos para atrair e ensinar do que o Cinema.

Essa maravilhosa invenção, cujo valor só pôde encontrar relatividade no rapido desenvolvimento que teve e no aperfeiçoamento cada vez mais surpreendente da arte cinematografica, constitue, sem exagero, uma das maravilhas do nosso século.

Pondo de parte o seu lado perigoso, que pôde e deve ser combatido, como adiante veremos, o cinema, pela distração que proporciona ás populações, pelos multiplos conhecimentos que nos desvenda, pela impressão de verdade que nos transmite, possibilitando nos nossos olhos a visão de cenários em que jamais poderíamos sequer pensar, deve, sem favor, ser encarado como um verdadeiro disseminador de civilização.

Glorifiquemos, pois, antes do mais, os seus benemeritos criadores, pois que diversos foram os precursores da cinematografia.

O cinema teve, inegavelmente, a sua origem na lanterna magica, e deve a sua existência á fotografia, pois nada mais é do que a projecção luminosa da fotografia animada.

A primeira representação cinematografica foi realizada por Louis Lumière, em Paris, em 13 de fevereiro de 1895.

Data daí, portanto, a industria cinematografica, cujo surto espantoso, num lapso de tempo relativamente pequeno, todos nós conhecemos.

Para dar uma idéa do desenvolvimento que tomou essa industria, a partir de 1895, citaremos as seguintes palavras do esplendido livro de Jonathas Serrano e F. Venancio Filho, intitulado "Cinema e Educação", onde, aliás, fomos colher grande parte dos dados referidos no presente trabalho: "No momento atual há cerca de 4 bilhões de dolares empregados no mundo, na industria dos filmes. Há, em França, 20.000 pessoas que vivem do cinema; na America do Norte, 350.000. Em todo o globo sobem a 130.000 as salas de projecção e por elas passam diariamente milhões de espectadores. Cento e cinquenta milhões, em dia, para cada filme, calculava a *Revue de Genève*, São, como se vê, cifras impressionantes".

Como consequencia do desenvolvimento da arte cinematografica, surgiu o chamado cinema educativo, isto é, o aproveitamento do cinema como meio de instrução.

E tão grande são as suas vantagens como fator de educação, tão eficientes são os resultados colhidos, que devemos considerá-lo como, talvez, o principal auxiliar do ensino moderno.

Atribue-se ao dr. Doyen, medico francês, a primeira aplicação do cinema educativo, quando fez filmar uma de suas operações para ensino de seus discípulos.

Atualmente, na França, nos Estados-Unidos, na Alemanha e na Italia, é formidável o incremento da cinematografia como meio de ensino.

Vários são os recursos de ensino pelo cinema nestes países.

Muitas e importantes são as revistas regularmente editadas e as obras já escritas sobre o assunto, dentre as quais podemos destacar as de G. Michel Coissac.

O cinema educativo preocupou tanto os meios cultos italianos que o Governo da Italia criou, por proposta feita á Liga das Nações e sob os auspícios desta, um instituto internacional de Cinematografo Educativo, com sede em Roma.

Esse Instituto, inaugurado por Mussolini, em 1928, é destinado a favorecer e estimular a produção de filmes educativos e o seu intercambio entre as Nações, bem como a cultivar o aperfeiçoamento da técnica cinematográfica. Mantém o instituto uma revista primorosa, denominada "Revista Internazionale del Cinema Educatore", publicada mensalmente em cinco idiomas (italiano, francês, espanhol, inglês e alemão), luxuosamente impressa, e que constitui o melhor repertório de informações sobre o assunto.

Como se vê, não é pequena a importância que tem despertado o cinema educativo.

Entre nós já se tem também felizmente tratado do mesmo, embora ainda muito incipientemente.

No Rio de Janeiro já se realizou, em agosto de 1929, uma "Exposição de Cinematografia Educativa", que alcançou notavel êxito. Nessa exposição foram exibidos diversos tipos de aparelhos de filmagem e projeção, bem como tudo quanto se refere á técnica do assunto, e foram feitas interessantes palestras sobre as diversas modalidades do cinema pedagógico.

Já em 1928 a reforma da instrução no Distrito-Federal, feita por Fernando de Azevedo, instituiu oficialmente o uso do cinema nas escolas do ensino primario, normal, domestico e profissional, determinando que fossem feitas desde logo as

necessárias instalações nas escolas que funcionassem em edificios próprios.

E', porém, muito pouco o que se tem feito entre nós, nesse sentido.

Urge que aproveitemos intensamente esse meio formidável de transmissão dos conhecimentos humanos.

São incalculáveis os recursos da cinematografia e as possibilidades pedagógicas de que é capaz.

Basta consultar os catalogos das diversas filmotécas já organizadas com filmes exclusivamente educativos como, por exemplo, a do Ministério de Instrução Pública, e Belas Artes de França, que compreende filmes completos sobre colônias, sobre ciências físicas e naturais, ensino escolar, assistência, puericultura, aviação, industrias, etc., a da Compagnie Universelle Cinematographique e a dos estabelecimentos Gauthier, de Paris, cujos filmes são feitos de acôrdo com o aludido Ministério.

Nos Estados-Unidos importantes e completas são as coleções de filmes exclusivamente educativos, dentre os quais se destaca as da Empresa De Vry.

Os filmes educativos dessa empresa são editados em séries, constituindo verdadeiros cursos conjuntamente com livros explicativos, escritos por mestres eminentes, afim de guiarem alunos e professores nas lições ministradas através do cinema.

Entre nós, graças á iniciativa e aos esforços do professor Roquette Pinto, possuímos hoje no Museu Nacional uma boa coleção de filmes da "Pathé Enseignement" e alguns nacionais, sobre ciências naturais. Também o professor Aloysio de Castro, da Faculdade de Medicina, organizou uma importante filmotéca sobre molestias nervosas, considerada das mais importantes no genero.

Importante tem sido o papel do cinema de tamanho reduzido na difusão dos ensinamentos de caráter educativo.

E' conhecidissimo o aparelho denominado Pathé Baby, com filmes de 8 mms. de largura e que, pelo seu fácil manejo, e preço relativamente reduzido, permite a introdução do cinema no lar, com incalculável vantagem para as crianças. E' rica e variada a coleção de filmes educativos da Pathé Baby.

São também notáveis os serviços prestados pelo cinema reduzido da Kodak, e da De Vry, com filmes de 16 mms.

Esses aparelhos reduzidos são utilísimos e, dado o seu baixo preço, devem ser aproveitados como meio de ensino,

mesmo nas escolas, na alta impossibilidade e sem empregarem os filmes de tamanho normal.

Divulguemos, portanto, com o mais vivo patriotismo, a necessidade de se difundir pelas nossas escolas o uso do cinema educativo.

Façamos o que já se tem feito em outros países.

Aproveitemos as vantagens do cinema como meio fácil, instrutivo e belo de transmitir ensinamentos.

Por meio do cinema as crianças, o povo, os adultos podem aprender suavemente, insensivelmente, porque aprendem divertindo-se e divertem-se aprendendo.

Só o cinema, com a sua poderosa força sugestiva, pôde transmitir ao vivo todos os conhecimentos úteis. Ele acompanha de perto os mais modernos aperfeiçoamentos da ciência.

No terreno das ciências físicas, por exemplo, não pôde haver meio mais adequado de ensino do que a projeção animada. No domínio da medicina, da cirurgia, da patologia, da zoologia e da botânica, só o cinema poderá em muitos casos dar uma idéa perfeita de certos fenomenos ou de determinados detalhes. Na transmissão dos indispensáveis ensinamentos de higiene, que devem ser ministrados ao povo, é elle insubstituível. Nenhum tratado de geografia poderá aproximar-se do fim para o ensinamento dessa matéria. No estado da Historia, quer na reconstrução dos fatos históricos da antiguidade, quer na documentação e reprodução dos fatos da vida contemporanea, é formidável o seu papel. Até para o estudo de mathematicas, principalmente a geometria, tem sido o cinema utilizado com reais vantagens.

Detalhes que somente os sábios e pesquisadores pacientes poderiam estudar, são pelo cinema desvendados facilmente. Com os recursos da cinematografia lenta á acelerada, dos desenhos animados, da microcinematografia e da cinematografia aérea e submarina, da radiocinetomatografia e da tele-cinetomatografia — as suas possibilidades são inesgotáveis.

O cinema serve, portanto, como vimos, para instruir e educar, não só as crianças nas escolas e no lar, como o povo em geral, e as multidões, transmitindo ensinamentos úteis de todo o genero.

Seria, pois, de desejar, que ao lado do cinema dramático ou cômico figurasse sempre, obrigatoriamente, o cinema educacional.

O povo, que acorre pressuroso ao cinema para assistir Greta Garbo, Ramon Navarro ou Carlitos, seria obrigado a

receber, e receberia insensivelmente, pequenas mas frequentes uteis dosagens de ensinamentos educativos. Não seria, pois, demais que em todos os programas, intercalados entre filmes atraentes e do comum agrado do povo, fossem acedidos pelo menos dez minutos para filmes instrutivos, como por exemplo, sobre "molestias transmissíveis e meios de evitá-las, sobre higiene da habitação, do corpo e da alimentação; sobre cuidados devidos á infância; sobre cultura física, etc.", e tantos outros ensinamentos que aproveitassem diretamente ao grande público.

Estamos certos de que este receberia com agrado tais filmes educativos, mesmo porque elles costumam ser de fato interessantes.

Fizemos até agora a apologia do cinema realçando as suas vantagens admiráveis.

Não nos esqueçamos, porém, de que deve elle ser considerado como espada de dois gumes, de que fato é.

Toda a sua poderosa força sugestiva, todos os seus inesgotáveis recursos, toda a sua influência nas multidões tanto pôde servir para ensinar o bem como para sugerir o mal.

São, infelizmente, abundantes os filmes em que a moral e os bons costumes são desprezados, em que o crime e a brutalidade são corriqueiros, em que os murros e bofetões são distribuídos com desenvoltura, e os em que a morbidez das concepções ou a boçalidade dos temas sugerem, lembram, aditem a prática de atos condenáveis e absolutamente prejudiciais, como acontece com certos filmes policiaes, cômicos ou mesmo dramaticos.

A censura, já entre nós estabelecida, precisa ser mais rigorosa. Não basta que se proibam apenas as cenas grosseiramente obscenas. Deve ser cortado tambem tudo quanto atentar contra os bons costumes, a bondade, a cordialidade, toda pelucula em que o vicio ou o crime apareçam cruamente ou sem punição.

Queremos o cinema, mesmo abstraído do seu lado propriamente educativo, que seja nobre e belo, emocionante mesmo ou dramático, porém, sempre dignificante e, quando cômico, de uma alegria jovial, sadia e confortadora.

Agora, que o cinema sonoro cada vez mais se aperfeiçoa, pode elle proporcionar ao povo toda sorte de prazeres eminentemente artisticos e isentos dos inconvenientes a que vimos de aludir.

Como conclusão do que dissemos relativamente ás incalçáveis vantagens do cinematografo como fator de educação

e resumindo as observações aqui feitas, cuidando que os Rotary Clubs devem recomendar e estimular:

1.º — A adoção do cinema, bem como das projeções finas, nas escolas primárias, secundárias, profissionais e superiores, como auxiliar do ensino comumente ministrado;

2.º — A criação de cursos especiais de cinema educativo de acôrdo com as indicações pedagógicas já adotadas nos principais países do mundo civilizado;

3.º — A obrigatoriedade, estabelecida pelos poderes competentes, da inclusão de filmes educativos em todos os programas cinematográficos, o que poderá ser exigido por ocasião da concessão de licença, para funcionamento e mediante regulamentação especial;

4.º — O maior rigor na censura dos filmes que possam ser considerados inconvenientes pela exibição de atos ou cenas contrários á moral, á bondade, á cordialidade e á boa educação”.

Crianças nervosas

Conferência de divulgação científica na Colonia de Psicopatas do Engenho de Dentro

Coube ao dr. Hugo Vianna Marques, na ultima 2.ª feira, prossequindo na série de conferências científicas organizada pela colonia de Psicopatas do Engenho de Dentro, falar acerca dos meios práticos, ao alcance dos pais, de prevenir o desequilíbrio nervoso das crianças.

Damos, em resumo, em idéas gerais que orientaram a palestra:

Sabem as senhoras perfeitamente que o corpo humano se compõe de várias partes, todas ellas muito importantes: o aparelho respiratório, por exemplo, a que pertencem os pulmões; o aparelho cárdio-vascular a que pertence o coração; o sistema nervoso em que se distingue o cérebro. Cada qual desempenha o seu papel fisiológico ou função que lhe é peculiar. Quando todas funcionam normalmente, obedecendo a uma cadência sempre a mesma, harmoniosamente, o indivíduo está são. Ha saúde. Desde que uma desajuste, deixando de cumprir a sua tarefa, como é necessário, a saúde está perturbada, e o corpo começa a sofrer total-

mente. E' que ha uma repercussão sôbre as demais, enquanto uma qualquer não funciona bem.

Trata-se de noções ligeiras e superficiais, servindo, todavia, para nos entendermos a respeito do que me proponho divulgar. Mas as senhoras sabem tambem que as grandiosas creações do homem, as maravilhas quasi inacreditaveis por êle imaginadas e realizadas, que admiramos ou amamos bem como as pequenas coisas boas e inestimaveis conseguidas pelo nosso esforço perseverante, pela nossa habilidade e destreza, que encantam ao menos por momentos a nossa vida, são absolutamente obra do cérebro. E' êle que nos põe em contacto e intimidade com o mundo que nos cerca.

Do equilibrio da sua atividade depende a propria felicidade, que se constrói de acôrdo com a attitude que se toma diante das contingências diarias que trazem um colorido que vai inevitavelmente do agradável ao desagradável, do prazer á dor.

O cérebro pôde modificar uma impressão desagradavel ou dolorosa.

A reflexão de que êle é capaz, em estado normal, levamos, a contorná-la, a reduzi-la ás suas proporções reais. Se tal não acontece, tudo aparece visto com vidros de aumento, ou não visto. Não há adaptação ou conformidade com os acontecimentos de que o mundo é teatro e de que somos espectadores. Diz-se então que o individuo é inadaptable. E' revoltado ou indiferente. Ora, se ninguem duvida das verdades já lembradas, fica-se na obrigação formal de proclamar que o cérebro ocupa o lugar de maior destaque entre todas as partes de que se compõe o corpo humano.

Todos os cuidados que lhe são dispensados nunca serão em demasia e nunca serão dispensados em tempo que se considere como cedo.

As crianças que padecem de desiquilíbrio nervoso são, por nós, médicos, chamados anormais, e êsse desequilíbrio pode ser pressentido desde o tempo em que são alimentados no seio materno e mais facilmente dos 3 aos 7 anos. E não existe quem melhor possa descobri-lo do que as próprias mães devidamente instruidas em certas passagens, que não fôgem á observação do seu olhar atento e carinhoso.

Muitas vezes as crianças anormais têm uma intelligencia abaixo da intelligencia comum; algumas vezes, entretanto, sua intelligencia está acima da intelligencia comum. Quem fala em intelligencia, fala em compreensão, em entendimento. Nos dois casos, registram-se sinais e sintômas,

que, embora não seja posta em jôgo a inteligência, o que convém, porque todos os pais estão sempre satisfeitos com a que têm os filhos, indicam com certa probabilidade uma perturbação nervosa. É preciso não deixar passar esses sinais e sintomas. Tanto que eles apontem, não cabe outra conduta senão a de encaminhar a criança ao médico. É preferível pecar pelo exagero que pela pouquidão. O médico verificará a razão ou sem razão da suspeita.

Aparentado que tem precedencia, o tratamento far-se-á imediatamente e, se não curar de modo radical, na pior hipótese, ha de minorar o mal presente. Sem tratamento criterioso, que só o médico está habilitado a fazer, é certo que um destino ruim aguarda a criança. Será hospede, na adolescencia, na juventude ou na idade adulta, dos hospitais de alienados, dos presidios e, o que é mais desgraçado ainda, porque é o que desaba sobre a cabeça da maioria, será um estranho no seu meio, um vencido, sem oferecer luta, um descontente ou indiferente, uma carga incomoda para a família e para a sociedade — um infeliz, enfim.

Quais os fatos que podem motivar a suposição de que ha um desequilíbrio nervoso na criança?

Vou enumerar os principais, os mais espetaculosos, e estou persuadido de que o seu simples conhecimento esclarecerá os pais, tornando-os aptos a não permitir que escapem os mais esquecidos.

Deve-se dividi-los em duas categorias: uma, refere-se ás manifestações do caráter, á maneira de portar-se a criança nas suas relações com o meio; a outra refere-se aos vícios de conformação do corpo ou ás anomalias físicas.

Na primeira estão incluídas as crianças:

- que são insaciáveis;
- as que choram sem motivo;
- as que têm o sono agitado;
- as que têm insônia;
- as que são desobedientes;
- as que são tímidas;
- as que são preguiçosas;
- as que urinam involuntariamente de noite ou de dia (enurese);
- as que são muito sensíveis (emotivas).
- as que são más;
- as que são viciosas (amoralidade);
- as que são indiferentes aos brincos próprios da idade;
- as que são rixentas;

— as que têm crises de sufocação ou *perdem o choro*, (espasmofilia);

- as que são arrebatadas (impulsivas);
- as que são mentirosas;
- as que não acompanham a classe a que pertencem na escola.

As manifestações de insaciabilidade e choro imotivado são mais freqüentemente encontradas no período de lactação em que não ha funções cerebrais (corticais), e denunciam, com relativa segurança, uma quebra do ritmo alimentar, que deve ser restabelecido com urgência, sob pena de grave prejuizo para a saúde mental em próximo futuro.

Tais manifestações não se apresentam em estado de pureza sózinha, associando-se habitualmente duas, três e mais. Em geral, uma forma como que um núcleo, um ponto central mais carregado, em tórno do qual as outras vêm juntar-se.

As crianças viciosas, por exemplo, são também, poucas excepções á regra, mentirosas e perversas; as que têm crises convulsivas, desobedientes e atrasados escolares; as emotivas, tímidas e nervosas.

Na segunda categoria que se refere aos vícios e anomalias físicas, estão incluídas crianças:

- que são vésgas;
- as que são peludas;
- as que têm os cabêlos irregularmente implantados;
- as que têm a cabeça deforme;
- as que têm um lado do rosto diferente do outro (assimetria facial);
- as que têm papo (tiroideas);
- as que têm os órgãos genitais com qualquer anormalidade (no menino os testiculos não descem ás bolsas; o penis é muito pequeno ou muito grande ou não sai urina pelo ureto);
- as que têm o peito de pombo;
- as que são obesas;
- as que têm o nariz arrebitado;
- as que respiram fungando (adenoides);
- as que crescem exageradamente;
- as que param de crescer;

Metamos a mão na consciência e avivemos as nossas lembranças, que é bem possível tenhamos na nossa casa, ou já se nos tenha deparado em casa alheia, uma criança para quem tanto castigo como tolerancia dos pais sejam igualmente nefastos.

Nós partilhámos ativamente do tratamento dos nossos filhos. Recebemos e executamos, a risca, os conselhos que nos foram dados acerca do modo por que nos vamos comportar para com eles. Se não for assim, nada obteremos. Seremos os responsáveis pelo seu infórtunio.

As causas profundas do desequilíbrio são a sífilis e o alcoolismo dos pais. Vai aqui um parêntese: não pensemos que alcoolismo seja embriaguez — o alcoolismo é a ingestão continuada, habitual, de alcohol; há o alcoolismo sem que tenha havido embriaguez. Além da sífilis e do alcoolismo, os traumatismos sofridos pela cabeça por ocasião do parto (emprego de forceps) e as quedas em que a cabeça seja atingida. O alcoolismo persegue a criança até depois do nascimento), pois o leite da mulher que bebe alcohol é um veneno (tóxico) perigoso para o sistema nervoso da criança. E ha mães que bebem cerveja preta para aumentar o leite !...

Contam-se mais a herança nervosa, as doenças infecciosas (gripe, sarampo, coqueluche, meningite-epidémica), certas perturbações das glândulas de secreção interna, etc.).

Vale a pena relatar-lhe, em traços breves, os casos de Judith e Augusto :

Judith era matriculada no nosso serviço de ambulatório. Tinha 9 anos; mui alta, muito magra; o pescoço um pouco volumoso, na face anterior uma espécie de papo discreto.

Muito sensível, irritava-se por tudo. Rixenta. Atrassada na escola. As repreensões e conselhos paternos nada conseguiram corrigi-la. A nossa experiência desconfiou de hiper-tiroidismo. E era. (A tiroide é uma glândula de secreção interna).

A cura foi obtida depois de quatro ou cinco meses de tratamento.

Augusto era doente do nosso serviço privado. Tinha 8 anos. Magro e peludo. Crises convulsivas; teimoso, mau. Muito inteligente.

Trazia a familia angustiada; porque, contrariado, simulava tentativas de suicidio; animado, era um tirano.

O diagnóstico foi simples: sífilis por heredo-contágio. O tratamento tem-no melhorado consideravelmente e ha de curá-lo.

O relato é bastante ilustrativo: duas crianças a amargurarem o coração dos pais; a inutilidade da punição e da dogura; a perspectiva de invalidez social. De repente, des-

cerca-se a sombra dêsse quadro tristíssimo, graças ao tratamento a tempo.

Permita Deus que algumas das minhas palavras tenham calado no espirito das senhoras. E eu estarei contente.

Na nossa meninice não se notava a preocupação, que hoje domina em todo o mundo, em prol da saúde nervosa do individuo, e nem se dispunha dos meios reputados efficazes que estão atualmente ao nosso alcance.

Nós vivemos uma época de inquietações, de supresas, em que a ventura é cada vez mais fugidia; mas não terá longa duração.

A paz de espirito, o sentimento de igualdade, o auxilio reciproco, a fartura virão amanhã, talvez.

Velemos pela saúde nervosa de nossos filhos para que eles possam gozar todos os bens que a humanidade gozará no mundo de amanhã. Basta que sejam nossos filhos para nos encher de energias, redobramos os nossos esforços na vigilancia da sua saúde nervosa — unico meio de fazê-los felizes".

O carater educativo dos trabalhos manuais

(Conferência realizada por ocasião das reuniões dos assistentes técnicos do ensino).

Caros colégas.

Convidada a dizer aqui algumas palavras sobre o carater educativo dos trabalhos manuais, em face da pedagogia renovada, em face da escola ativa, eu obedeco as ordens superiores que live, feliz e honrada ao mesmo tempo.

Ao que parece, é a primeira vez que nesses felizes intercambios de idéas, nessas repetidas e salutareas reuniões que ultimamente se vêm fazendo com o fim de alargar mais o circulo dos que comprehendem a nova doutrina, nessas proveitosas palestras que o nosso governo sabiamente vem promovendo sob a égide da Secretaria da Educação, é a primeira vez que o trabalho manual entra no rol das questões importantes da pedagogia ! Eis porque eu me sinto feliz.

Tais atividades, em nossas escolas, não tem tido a importancia que merecem, mesmo em pleno prestigio da escola ativa, escola que educa através do trato vivo das realidades, escola em que se aprende pela experiência do trabalho, no dizer de Kerchensteiner.

O professor absorve-se no ensinar a lêr, a escrever, a contar, e espera que a isso sobre tempo afim de pensar nas atividades realizadoras. Ainda que mais largamente pense na educação geral dos seus alunos, da qual deve fazer parte a capacidade de trabalho efetivo, este ficará em segundo plano.

A capacidade de agir, de trabalho eficiente, é esquecida, em regra, ou lembrada apenas com o fim de uma exposição escolar em vista.

E é o trabalho a garantia material, a garantia moral, a garantia intelectual de um povo. O trabalho, a aptidão técnica é dinheiro, é disciplina, é moral, coordena e aviva a inteligência.

Quem duvidará que o trabalho braçal seja um dos problemas palpitantes do Brasil?

Em outros países, onde há acúmulo de população, onde a vida é intensa, onde sobram braços para o trabalho, onde a interdependência industrial aproxima os povos em consequência do surto de progresso material, o problema social propriamente dito, um problema de equilíbrio de suas forças vivas, é talvez a preocupação mais séria desses países.

Será essa a situação do Brasil, país de população dispersiva, de núcleos que vivem os horizontes limitados, isolados, dada a pequena expansão econômica? (Salvo raras cidades grandes). No Brasil, penso, o problema material resalta, ou, quando menos, está em paralelo com os demais problemas.

É um problema, o do trabalho efetivo, da aptidão técnica normal, no qual a escola de hoje precisa pensar seriamente.

Apático, indolente, vegetativo, imprevidente, o nosso cidadão contenta-se com o que lhe garante a vida miserável, dentro da qual espera pela morte, vida vazia de pensamento, vazia de ideal, onde ele se move a custo, cheio de preguiça, de penúria do corpo e da alma.

É a escola que cabe fazer alguma coisa que sirva de forças contrárias à apatia morbida que caracteriza o brasileiro. E é de escola que essa gente precisa.

De escola. Mas não dessa fria escola, dessa escola que se fecha no agoniado programa de ensinar a lêr, a escrever, a contar, num ambiente vazio de oportunidade.

Não desse triste tipo de escola passiva que mais acentua a morbidez, a apatia de nossa gente, sufocando a motilidade.

Do que precisa essa gente é da escola viva, da escola movimento, da escola que ensina a agir agindo, a pensar pensando, a sentir sentindo.

Do que precisa essa gente é da escola remogada, que leva a vida para o seu ambiente, que vive a vida de seu meio, a vida de sua gente, da escola regionalizada, para que se integre no meio, da escola que vive a vida de seu meio, e por ela melhora essa vida instante a instante, através do trato vivo das realidades palpitantes de cada momento e de cada viver.

É da escola riso, da escola alegria, da escola dinamismo, da escola trabalho.

É essa a terapêutica contra o mal que é, no fundo, a doença do organismo nacional.

Do que precisa essa gente é da escola de Ferrière, de Kerchensteiner, escola em que se aprende pela experiência do trabalho, coordenando a motilidade natural da criança para agir e não sufocando essa motilidade na doentia convicção de que é preciso não se mover para aprender através de frases feitas, ao invés de ações.

E vida é trabalho, é agitação; e da escola passiva nós temos visto apenas os apáticos, os indolentes, os pusilânimes, os tímidos, o fracasso individual, o fracasso coletivo, o fracasso moral, porque, incapaz de fruir lucros pelo trabalho, por meios honestos, o indivíduo é impulsionado a lançar mãos de meios desonestos de vida.

Do que precisa essa gente é da escola remogada, da escola que se funda no viver dessa gente, que alargue os seus horizontes, que acenda em cada animo um ideal, em cada consciência a intuição de um dever, que desperte a coragem, o esforço, a noção de responsabilidade, o senso do belo, único caminho à perfeição, ao êxito.

É sem dúvida a expansão econômica a melhor garantia desse progresso almejado insofregamente pelo povo, almejado ardentemente, patrioticamente, pelos nossos homens de governo, empenhados em melhorar a vida na escola.

Quem sabe lá se não é da ruína econômica que resalta a maior angústia do momento presente que vivemos: "casa onde ha pouco pão, todos brigam e ninguém tem razão"!

É, pois, preciso legar à geração de amanhã capacidade de trabalho, de agir eficientemente. Sacudir o nosso cidadão pela escola viva. Já se tem dito muito que será preferível que uma criança deixe a escola, analfabeta, mas levante

do amor pelo trabalho e moral bem formada, do que por demais instruída e com a consciência às escuras, e braços cruzados ante os problemas da vida, ante a riqueza latente de nosso país que brada por braços que aflore.

De que serve ao indivíduo a inteligência que se não converte em obra viva, palpável?

Grandes crimes se praticam porque inteligências mal orientadas pela escola inteligentemente os perpetram e, muitas vezes, inteligentemente escapam à ação da justiça, como o vímio no rapto e trucidamento de uma criança e em outros casos semelhantes.

Grandes crimes pelo anarquismo, indivíduos cujas inteligências perambulam pelo utopismo, sinão os crocos, os vagabundos malfetores, os vadios, perigos sociais, cuja inteligência não tomou os belos rumos da vida?

De onde o perigo de esclarecer a inteligência sem dar o amor do trabalho e a consciência do dever.

Mas, não é preciso deixar analfabeta a criança, para que aprenda o trabalho. O que é preciso é que aprenda pelo trabalho, que é, inevitavelmente, um fator a mais em favor da inteligência, o melhor fator, na concepção moderna de educação.

E' indiscutível, a inteligência cresce, melhora, disciplina-se, coordena-se através das realizações.

Mas, é preciso que ao trabalho manual se dê caráter educativo, caráter de um meio, antes de se dar o de um fim em si mesmo. E' preciso que a criança se dê liberdade de programa, liberdade de escolha de assunto, de agir em todos os sentidos, para que, de princípio, a atividade dê ensejo de melhorar a individualidade. Sómente senhora de sua escola ou ante uma atividade desejada, portanto identificada como o seu eu, ela fará esse esforço, que é o milagre de seu crescimento. Ante um fim seu a criança age, porque precisa, em um sentido. Age, porque forças infernas o querem, e não estímulos externos — promessas de premios — ou castigos . . .

Encantada, alguma coisa, ao mesmo tempo conciente, ao mesmo tempo inconciente a impulsiona á realização. E, assim, entusiasma-se, afira-se ao trabalho, vence todas as dificuldades, fracassa alguma vez mas não desanima; novos rumos, novas tentativas, até que vence, triunfa e melhora a sua capacidade de pensar, de agir, o que é crescimento, aquisição de novas experiências. Ganha plasticidade o seu poder de ação ante problemas imprevisos de um evoluir con-

tínuo, e vai, pela escola, adaptando-se á vida para o seu êxito e para o êxito coletivo.

E' preciso que o trabalho manual seja um meio de expressão por parte da criança, uma atividade desejada, antes de ser um dever imposto de fora para dentro. Divorciada de sua realização, movida apenas por forças externas (promessas de premios ou de castigos, ou sermos em prol de dever) movida apenas por esforço sem interesse, acaba o aluno adquirindo uma atitude apática em face de tais trabalhos, aversão mesmo. Fracasso, portanto.

E' preciso que o trabalho legue á criança tenacidade, poder evolutivo, largueza de vista, de inteligência; é preciso que as mãos se movam em obediência ao pensamento e o pensamento esteja a serviço das mãos.

Só assim triunfará o indivíduo, e não apenas aprendendo a lér, a escrever, a contar.

E' preciso, pois, que se encare o trabalho manual educativo como o coordenador da inteligência da criança, onde a vida estua, coordenador de sua motilidade característica, motilidade que, orientada convenientemente, se converte em aptidões verdadeiras para as realizações, manifestações de uma personalidade conciente de si, ela mesma, e não sombra e projeções frias de outros pensamentos, sinão o sonolento cabôlo vegetativo que tão bem definiu a pena magica de Monteiro Lobato, no tipo do Jéca Tatú.

E, para êsse milagre, por que tanto ansiamos, é preciso que se mude por completo a orientação do trabalho entre nós. Em primeiro lugar, que se lhe dê importância máxima em nossos horarios, não esperando que sobre tempo á alfabetização para que seja dado.

E' preciso que não seja encarado como o utilitarismo exclusivo, como se vem fazendo. O trabalho manual deve ser encarado como um meio, antes de significar um fim em si. O fim que deve mover a criança é um fim dela, criança, e não um que lhe seja lembrado artificialmente, de fora para dentro, ante um punhado de utilidades. E nem terá força motivadora se assim for. Não é um "fim" da vida apenas, como se pensa, que tem força de fazer agir a criança.

O que é um fim para a criança, é para o mestre um meio.

Os alunos que pintam uma frisa na sala de aula para que a sala fique mais bonita, mais alegre, mal suspeitam de que a professora, antes de pensar em sala mais bonita e mais alegre, pensa na formação de uma personalidade ca-

paz de se afirmar vitoriosamente no seio da sociedade. Mal suspeitam de que o que a professora quer é pôr em jogo as forças de que é capaz a criança, disso tirando partido para que ela melhore, pela observação, pela associação, pela realização, movimentando-se naturalmente, perquirindo, informando-se, ganhando tenacidade, habilidades, tentando, imaginando, numa verdadeira e complexa ginástica de inteligência e das mãos ao mesmo tempo.

É assim o caráter educativo dos trabalhos manuais.

Encarar, pois, um programa com um fim em si mesmo, é esquecer a criança por um punhado de peças e artefatos necessários à vida. É preciso que esse punhado de peças e artefatos que a escola ensina a realizar seja alguma coisa na vida evolutiva da criança. É preciso que esse punhado de peças tenha concorrido para uma perfeita ginástica de pensamento e de movimentação externa ensinando a criança a ação pela ação.

É preciso distinguir entre ensinar trabalhos e ensinar pelos trabalhos.

É bem que repita que somente a atividade desejada pela criança, garante ensino educativo. Nós, os grandes, quando idealizamos uma realização ante um fim nosso, só desancamos quando conseguimos levá-la a cabo. E pensamos aturdidamente nela, até que em pensamento a tenhamos realizado; é o momento emocional de nossa tarefa. Agora, mãos à obra, e eis que não encontramos dificuldade que não sejamos capazes de vencer. Ao contrário, se fazemos alguma coisa da qual estamos separados, que exigiram que fizéssemos, que nos foi assim imposta de fora para dentro, ante a qual não nos sentimos maravilhados, executamos, é verdade, esse trabalho, porque já temos força de vontade, mas o êxito não é completo muita vez. Salvo se algum milagre nos identificou com a obra.

Como exigir da criança, que ainda não tem força de vontade, a execução de um programa utilitário apenas, sem ouvir as suas preferências, sem saber do seu encantamento, encantamento que é o prodígio educativo na sua vida, milagre motivador de toda a sua expansão, a expansão das forças internas de que é capaz e que assim vão tomando direção própria na vida, melhorando a vida, canalizando para o êxito.

Póde haver o programa, mas não em seqüência lógica, sistematizada e rígida. Ante um material modesto — barro, taboas, ferramenta, papéis coloridos, vimes, etc., deixar que

ela, a criança, realize o que quer. Ela se expressará pelo trabalho manual como se expressará pelo desenho, pela linguagem, de acordo com as vivas impressões de momento. Ou, então, o trabalho manual será uma atividade que decorre de uma situação total de classe, situações ricas em oportunidades realizadoras. A bibliotéca, por exemplo, em que devem fazer encadernação, mobiliário, etc. Evitaremos, assim, o perigo da atenção dissociada ou dividida — mãos trabalhando em uma coisa, pensamento em outra. Já se tem dito muito das vantagens da atenção integral, do pensamento e das mãos em atividade simultânea, já para a necessária coordenação, já como garantia moral. O pensamento que está sempre preso em ginástica de raciocínio ou de imaginação não vai perambular pelas coisas más da vida.

É, é bem que se repita, somente interessada vivamente na sua realização, a criança disciplina mãos e pensamentos, porque, do contrário, como muito bem acentua Dewey, a criança age separada de sua realização, deixando um vazio entre o seu eu e o objeto, prende o míniuo de atenção que pôde a esse trabalho, deixando o restante à vontade, passeando pelos brinquedos lindos, pelas coisas boas e também pelas coisas más.

Não disciplina, pois, as mãos ao pensamento, e corre perigo do desvio moral.

E qual será o horário ideal da escola ativa?

Nunca interromper uma atividade ante a qual a criança está maravilhada. Nunca prolongar uma realização ante a qual a criança age sonolenta, aborrecida, se quereis o verdadeiro êxito educativo.

Repito: somente identificada com a sua obra a criança fará esforços eficientes, e é o esforço que a melhora instante a instante, que a enriquece de experiências sempre renovadas, que engendra a tenacidade, que dá ao seu feitiço individual plasticidade para que se adapte às situações sempre renovadas de um evoluir contínuo.

Exagera-se, ultimamente, em nossas escolas, o trabalho em crochê, em tricô, em bordados, preferindo a modelagem, a marcenaria, a tecelagem, os trabalhos mais educativos e mais modestos.

Em primeiro lugar, cumpre notar que a preferência da criança recai na modelagem, no recorte, na marcenaria, na cartonagem . . .

Em segundo lugar, convem notar que o *tricot*, o *crochet*, os bordados, por demais longos, acabam aborrecendo a criança, ainda que no princípio interessadas, pela repetição de técnica e pelo pequeno jogo da motilidade da criança, irrequieta, ávida de exercícios físicos.

Tais trabalhos exigem atenção apenas nos primeiros pontos. Aprendidos que sejam estes, automatizam-se, e a atividade reduz-se a exclusivo manualismo.

Ao contrário, no trabalho de cartongem, de marcenaria, modelagem... a técnica construtiva varia de instante a instante, o que exige continua ginástica de raciocínio e técnica adextra variada, mais de acordo, portanto, com o desejo de movimentar-se da criança. É a ginástica natural.

O material de modelagem, marcenaria, cartongem... é baratíssimo, e não teremos mais ensejo de ouvir essa clássica desculpa de professor: "Não posso dar trabalhos porque os pais não podem comprar aviamentos".

E, se alguma coisa se deve fazer nos programas, é justamente isso — menor uso da agulha, que toda a família já sabe manejar, quer para o útil, quer para a futilidade de bordados copiados, e melhor uso do barro, do papel, da madeira, mais aconselháveis, porque mais educativos, sem dúvida, sob varios aspectos.

Um aspecto importante do trabalho manual é o que se refere à parte artística. É comum dar-se à criança a bordar um trabalho já riscado, já compradas as linhas, combinadas as cores e ensinar-se-lhe como se dá o ponto, e a criança entra a cumprir uma tarefa apenas manual. Tece pontos, nada mais.

É bem de vêr que manualismo exclusivo não é trabalho de inteligência e muito menos de arte. Não é, tão pouco, trabalho educativo em toda a sua extensão, pois que não coordena atividade de pensamento e atividade adextra. Assim, ao invés de a professora riscar o trabalho, escolher o material, vencer as primeiras dificuldades, deverá, em primeiro lugar, motivar a execução desses trabalhos.

Motivados convenientemente, eles tomam um caminho de realização natural. Faz-se o projeto, em desenho, pela própria criança, inclusive a parte ornamental, que não deve, como é comum por aí ser cópia de figurinos, debuxos, etc. Feito o projeto em desenho, faz-se a crítica, uns pelos outros, o que dá atitudes da crítica, que, como se sabe, é um poderoso ensejo de melhora, (aceitá-la bem e fazê-la bem). A es-

colha, ampliação, emprego de material, enfim, todas as atividades pela criança.

Quanto à parte artística, cumpre insistir, precisamos abolir por completo a cópia. Cópia não é trabalho de arte, não é trabalho intelectual. É simples manualismo. Temos inteligência e mãos como os que inventam, criam, imaginam... Cumpre-nos trabalhar, bastando-nos a nós mesmos. A cópia jamais nos transmitirá a emoção estética da interpretação dos elementos da natureza ao nosso proprio lapis, através do nosso eu, do nosso sentimento estético proprio, da composição estilizada, através de um temperamento, de um modo original de sentir a beleza das coisas, de imaginar através de um senso artístico proprio.

É a parte artística, em regra, subtraída à criança.

Dai, o vivermos a estética ornamental dos outros povos. Se a escola não cultiva o nosso sentimento de arte, preferimos copiar, debuxar. Em consequência: sob o ponto de vista ainda decorativo, não temos feição propria. Uma cidade japonesa é uma cidade caracteristicamente japonesa; uma cidade romana é uma cidade caracteristicamente romana; cada povo tem feição artistica através do proprio sentimento estético. Olhem a perspectiva de uma cidade brasileira — estilo romano, bizantino, gótico, mourístico, arranhacéu. Somos um pouco de cada povo, mas não somos nós mesmos — a nossa arquitetura, o nosso mobiliario, artefatos, tudo copiado. A nossa artefa é manual apenas e envolve precária atividade de raciocínio, apenas construtivo sob o ponto de vista técnico, na melhor das hipóteses.

Vivemos o sentimento estético de outros povos, a imaginação alheia!

É à escola, pois, que ainda cabe a terapeutica, fazendo com que a criança se inspire na riqueza maravilhosa de nossa invejavel natureza, copiando, uma folha que seja, um insecto, uma flor... e com esses elementos, faça a composição harmoniosa para o seu trabalho. E trabalharemos com as nossas mãos e com o nosso talento.

Que o trabalho seja uma expressão completa de uma personalidade, de um temperamento, desde a escola canalizados para a grandeza artistica que se deve caracterizar através do sentir de uma raça, a seu modo, a seu feitio, ainda que bizarro e tosco!

Como vêdes, o trabalho manual é o meio milagroso que nos leva aos mais transcendentes fins. Coordena pensamento e mãos, dá belas atitudes, belos habitos, disciplina a consciên-

cia (espírito afeto ao trabalho manual, espírito afeto ao bem), dá-nos independência económica, sendo de arte própria, poder de criar, de inventar. Seria lento e redundante enumerar o que seja a consequência da educação através da experiência do trabalho. Poderíamos resumir com a frase de Charles Han, que nos dá uma síntese do que seja o trabalho na vida educativa, no seu belo livro "O Espírito e a Mão": "A educação é o cultivo de todas as faculdades do homem para o ponto culminante da ação".

Mas, é bem que se compreenda, não uma ação precária fechada na compreensão do viver actual, mas ação elástica, ação para uma civilização em mudança, na concepção de Kilpatrick, essa civilização que cresce a cada conquista, da ciência irrequieta na sua experimentação, modificando o pensamento, modificando o mundo, dando-nos surpresas, probabilidades sempre novas, provocando ideais na conquista da perfeição.

Antes de terminar, é um prazer salientar o valor do trabalho que o nosso governo vem empreendendo brilhantemente em torno da educação.

De incalculáveis benefícios em favor da reforma são essas reuniões onde todas as opiniões em torno do problema máximo dos povos são debatidas, formando um corpo de opinião nossa, através de um punhado de inteligências nossas e que se inspira em nossas possibilidades.

Sómente compreendida pelas suas raízes mais profundas, a escola renovada triunfará.

O Estado, que prega a democracia, diz Kilpatrick, não pôde ser anti-democrata impondo fórmulas de ensino a quem não as pode executar, porque há um vazio entre o eu e a sua tarefa, ou porque não a compreenda bem.

O professor, sómente identificado com a sua tarefa, poderá empreendê-la com êxito. E, para que com ela se identifique, é preciso compreendê-la bem nos seus fins para alcançar os meios de atingi-la, e não apenas repetir o que outras escolas fazem.

Empreendê-la-á, então, de dentro para fóra, e não compulsada pelas forças externas. Empreendê-la-á maravilhado; entusiasmar-se-á nos seus processos com discernimento próprio.

E é este precisamente o momento mais feliz da reforma. Está aqui o mais propício meio de disseminação e que levará a todas as belas paragens montanhosas o sópro reno-

vador que fará de cada escola o ambiente vivo que vive para ensinar a viver!

E' o brilhante corpo de técnicos aqui reunidos que instalará em cada consciência de professor uma concepção nova dos fins legítimos da educação e dos meios científicos para alcançá-los.

Entrego-vos, pois, a sorte do trabalho manual em nossas escolas, que é, aliás, em grande parte, a sorte da escola ativa.

Congratulo-me convôco pelos felizes momentos que vivemos, pelas doutrinas que nos trouxeram momentos de verdadeira satisfação, pela palavra sempre cheia de ensinamentos e encorajamento do exmo. sr. dr. Noraldino Lima, vivamente empenhado em melhorar a vida pela escola.

Congratulo-me convôco pelas doutrinas que ouvistes ao dr. Guerino Casasanta, ao dr. Mario Casasanta, Oscar Guimarães, enfim, a esse punhado de pensadores de nossa pedagogia, e também pelo que trouxestes da proficua e brilhante tarefa que empreendeis lá fóra, com êxito, bem se vê.

Sois o prodígio de projeção no momento, e em todos os recantos do Estado reverbera uma doutrina nova, e o milagre pela escola se fará na sociedade que amanece.

O conceito cristão da educação

(Traduzido da "Femme belge", n. 3, maio-junho — 1933).

Exposição do conego Deschamps

As doutrinas pedagógicas mais diversas se disputam o domínio da educação. Algumas, dentre elas, sob apparencias interessantes, marcaram uma origem pouco conforme ás idéas cristãs. A magnífica enciclica sobre "a educação cristã da mocidade" vem a tempo de estabelecer os princípios da educação cristã e situar a posição que devemos assumir quando nos oferecem novas concepções educativas.

As questões principais são claramente expostas na enciclica do Santo Padre, e á luz d'este código precioso podemos julgar as inovações.

Uma educação verdadeiramente cristã não o pôde ser pela metade; ela deve sê-lo em todos os seus elementos, quer dizer na sua finalidade, em seus agentes, seu sujeito, seu meio bem como os meios de que se serve.

"O ensino todo, a organização de todo o pessoal, programas e livros e todo genero de disciplina devem ser regidos por um espirito verdadeiramente cristão, de tal maneira que a religião seja o alicerce, bem como a cupola do ensino".

1 — Finalidade

A questão essencial em educação é o problema da finalidade, e este é o que menos encontramos explanado nos tratados.

A finalidade da educação é a própria finalidade da nossa existência, e a educação verdadeira deve ser canalizada inteira para esse fim ultimo. Só o Christo é o caminho, a verdade e a vida; portanto, não pode haver educação completa e verdadeira fora da educação cristã. A questão principal é, portanto, a que se refere ao ideal.

Ha uma quantidade enorme de teorias particularistas sobre este assento. Eis aqui algumas:

A criança é uma *personalidade moral* — daí, as seguintes doutrinas errôneas:

o naturalismo — para o qual o homem nada mais é do que um ser biológico;

o intellectualismo — para o qual o homem é razão e a ciência, tudo;

o individualismo — que considera o individuo como centro de tudo.

A criança é um *ser social* — donde o socialismo, para quem a sociedade é a grande realidade, sendo o individuo apenas uma abstração.

A criança é um *ser nacional*, donde o nacionalismo que afirma a primazia da Nação, do Estado sobre a personalidade.

A criança é um *ser familiar*.

Para nós, a criança é tudo isto, mas é *batizada* e, como consequencia, tem uma finalidade sobrenatural, que ultrapassa infinitamente todos os outros objetivos.

"O fim proprio e immediato da educação cristã é cooperar com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, isto é, na formação do proprio Christo no homem regenerado pelo batismo".

A educação cristã tem, portanto, um fim mais universal e mais elevado.

Ela abrange a vida humana em todas as suas modalidades.

Um cristão bem educado é um homem de caráter, um excelente cidadão e um bom chefe de familia.

Na prática, nunca se deve perder de vista o ideal; é preciso fazer sempre referencia a ele; é preciso torná-lo amado e formar *êtilles* que o compreendam e o realcem.

Entre as teorias inadmissíveis pelos cristãos, a mais difundida e mais perniciosa é o *naturalismo*.

O Soberano Pontifice assinala três problemas importantes, cuja solução naturalista não pôde ser aceita pelos cristãos.

1 — Supressão da autoridade em educação

Segundo algumas doutrinas, a criança goza de uma atividade independente de qualquer lei superior, natural ou divina, na obra da própria educação. Goza de uma autonomia sem limites. Admitimos perfeitamente a colaboração da criança na sua própria formação; mantemos porém, integralmente o principio de autoridade e de obediência, e achamos que a solução cristã do problema da liberdade e da obediência é a que melhor libera a criança, pois o Evangelho fez da obediência um meio de elevação até a liberdade, um meio de se libertar do egoismo e de vencer-se a si mesmo.

2 — Educação sexual

Os naturalistas reduzem a questão a um simples esclarecimento científico a ser ministrado ás crianças. A pedagogia cristã se mostra aqui mais ao par da psicologia infantil. O problema não é apenas de ordem científica; depende muito mais da vontade do que do saber e mais ainda da piedade.

A iniciação é, pois, necessaria, mas não é senão um tópico da educação da pureza, e deve ser sobretudo uma iniciação á prática do dever e da virtude.

3 — A coeducação

O Soberano Pontifice não lhe é favoravel e a condena na adolescencia. Ele tem perfeitamente razão. A psicologia nos mostra os sexos como tipos naturais distintos, dominadores e destinados a se completar na vida. A educação de cada

um deve ser especializada. A experiência provou que assim deve ser. A alma do adolescente, bem estudada, é muito delicada e propensa aos exagêros. Exige uma formação muito atenta.

II — O AGENTE

A encíclica menciona com grande clareza e precisão os direitos das três sociedades em que o homem nasce e evolue.

1 — A Igreja

Em virtude da autoridade suprema do Magistério e da missão expressa que lhe foi conferida por seu Divino Fundador, em virtude da sua Maternidade espiritual, a Igreja tem o direito de educar os homens e é independente de qualquer poder terrestre, tanto quanto à origem, como no exercício de sua missão educadora, não só no que se refere ao objeto próprio da sua missão como também na escolha dos meios para realizá-la.

2 — A família

Tem ela um direito de precedência ao do Estado, direito inviolável, mas não arbitrário, pois que se subordina inseparavelmente ao fim último do homem, à lei natural e à lei divina. Mesmo que a família não possa mais praticamente fazer sôzinha a educação dos filhos, (se a escola toma a si a iniciativa) seus direitos permanecem íntegros.

3 — O Estado

O Estado tem poder de educar em virtude da missão suprema de promover o bem comum temporal. Ele deve proteger os direitos da família, da Igreja e da criança; deve promover a instrução e educação da mocidade; pode mesmo avocar a si a instituição e direção de certas escolas preparatórias para serviços públicos e a educação cívica.

Concretamente falando, o agente da educação é uma creatura humana. Compreendemos a educação como uma transmissão de vida. Daí, a importância capital daquêle que transmite esta vida. Não é tanto o que êle faz, ou o que impõe que vai produzir um resultado, mas, sim, o que êle é na profundidade de sua alma. Suas convicções, sua fé, seu conceito da vida, seu exemplo, tem uma atuação enorme, talvez sem que o queira, sobre o aluno. É necessário, pois, que nossos

educadores sigam uma doutrina, uma filosofia, tenham convicções.

A educação é o trabalho de uma alma inteira sobre outra alma inteira.

É preciso que nossos educadores tenham um naturalismo grande pelo ideal que devem realizar por meio da educação; devem naturalizar a visão e os movéis da sua labuta.

III — O EDUCANDO

Observemos em primeiro lugar que a criança é também agente de sua educação. O educando é a criança inteira: um espírito ligado a um corpo na unidade da natureza com todas as faculdades naturais e sobrenaturais; é a criança caída, porém redimida e reintegrada na condição sobrenatural de filho adotivo de Deus.

Permanecem na alma humana os efeitos do pecado original e em particular as tendências desordenadas que enfraquecem a vontade. Posição esta oposta à do naturalismo.

Um educador cristão deve vêr diante de si um cristão. Deve fazer tudo por mantê-lo em estado de graça. E isto de importância considerável para o êxito da ação educativa.

IV — O AMBIENTE

A família cristã

Devemos amparar todas as organizações que visem restaurar o lar cristão. O Soberano Pontífice exorta em tom comovido aos pastores de almas que lancem mão de todos os expedientes para lembrar aos pais cristãos as suas graves obrigações. Entra Ele em detalhes que revelam quanto é grande a sua preocupação. Lembra especialmente o dever que os pais têm de exercer a autoridade em relação aos filhos.

2 — A Igreja

Seus sacramentos, ritos, o templo, as associações e as obras cristãs.

3 — A Escola

Do ponto de vista histórico, a Escola é uma instituição auxiliar e complementar da família e da Igreja. Deve, pois, harmonizar-se com os outros dois meios, sob pena de não atingir o fim colimado e transformar-se em agente de demolição.

Devemos tornar conhecidas as graves prescrições da Igreja no tocante à Escola neutra.

4 — O mundo

Meio deplorável para nossas crianças e adolescentes. É preciso esforçar-mo-nos para melhorá-lo por meio de publicações, espetáculos honestos, criação, enfim, de uma atmosfera mais cristã.

V — OS MEIOS

1 — O ensino

Este deve ser francamente confessional.

2 — A disciplina

A obediência baseada na confiança, apresentada como uma liberação, fundamentá-la na fé religiosa.

3 — A graça de Deus alcançada pela oração

Tal é em suas grandes linhas o conceito da educação cristã, segundo a *Encíclica sobre educação*.

MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA.

Extravios da pedagogia da escola do trabalho

Por Juscelino de Aguiar, — assistente técnico da 15.^a Circ.

(Continuação do número anterior)

As características fundamentais da escola do trabalho no sentido de Kerschensteiner acham-se claramente expressos em sua excelente obra "Conceito da escola do trabalho", e outras, do mesmo autor. Kerschensteiner é partidário do ensino do trabalho como princípio pedagógico e do ensino particular do trabalho como matéria, com um docente especial técnico.

A finalidade de sua escola do trabalho procede de um objetivo cívico, como é claramente o diz: "Todo cidadão apto deve empreender um trabalho no organismo total da

associação Estado". A importância da escola do trabalho consiste em demonstrar que, com um mínimo de dotes, pode obter-se o máximo de conhecimento, engenho e satisfação, derivados do trabalho a serviço de *ideal cívico*".

Porém, Kerschensteiner combate a idéia da escola de produção, "a qual, diz ele, recebe sua lei da utilidade econômica; visa criar valores econômicos; mas o sentido da escola do trabalho não é a criação de bens-econômicos, senão o despertar de forças educativas".

A vantagem que Kerschensteiner atribue ao ensino do trabalho não é somente a preparação para a vida profissional, senão, sobretudo, o desenvolvimento das propriedades mais valiosas do caráter do homem cabal, a educação para a energia da vontade, para a clareza do juízo, para a delicadeza de sentimentos e para o entusiasmo". Essas idéas encontram-se também em seu livro "Conceito do caráter e educação do caráter".

Lay diverge de Kerschensteiner e só admite a introdução do trabalho na escola como um princípio pedagógico, isto é, como uma das suas múltiplas expressões da atividade motora. Tal é o conceito que se deduz de sua obra "A escola ativa, uma reforma natural e cultural";

"O trabalho como princípio é psicologicamente um conceito demasiado estreito e inadequado para servir de base a uma reforma escolar sólida e ampla. Mais apropriado a tal fim é o conceito da ação. Esta palavra abrange todas as formas de atividade. Para designar de uma maneira breve e compreensiva a nossa escola e diferenciá-la, ao mesmo tempo, da escola do trabalho — chamá-la-emos "escola de ação".

"O trabalho prático ou manual é somente uma das muitas formas de expressão pedagógicas que possuem igual valor e por cujo desenvolvimento se interessa a escola de ação".

O conceito da ação, segundo Lay, compreende toda a reação em sua unidade de impressão e expressão, de estímulo e movimento. O ensino da observação e da expressão hão de formar, segundo o princípio básico da ação, uma síntese.

O princípio psicológico que serve de base à escola ativa de Lay é o seguinte, nos termos em que ele o formula: "A receptividade, o processo mental e a ação exterior constituem um só todo, e assim deveriam ser entendidos e tratados didática e pedagogicamente; a receptividade concreta e a assimilação mental não são senão instrumentos para a re-

apresentação do ambiente, e as expressões exteriores em suas formas distintas são somente uma reação ou adaptação às condições do mundo exterior".

Mas essa adaptação não deve ser entendida na acepção darwinista da palavra, como uma acomodação passiva ao ambiente. Pelo contrário, Lay considera a adaptação como um processo ativo do organismo. Sobre essa base ele erige seu sistema de pedagogia e didática. Dêsse modo, o seu conceito de uma lição ou recitação normal contém os seguintes elementos:

ação — associação — reação — impressão — assimilação — expressão — observação — processo mental — representação.

Em resumo, a *marcha prática de cada classe* se realiza seguindo o processo pedagógico básico nos três momentos: observação, elaboração espiritual e expressão.

Dewey é partidário da escola de trabalho produtivo e defende esse conceito em suas numerosas obras, especialmente em seus livros "Escola e Sociedade" e "Escolas de amanhã".

Procurando adaptar a escola do trabalho ao regimen social e econômico de seu país, Dewey demonstra que não somente nos Estados-Unidos como noutros países a organização da escola não corresponde a organização da sociedade, nem às necessidades da época.

Em seu livro "Escolas de amanhã" Dewey resume seu ponto de vista nos três seguintes postulados:

1.º "Em tempo algum foi tão importante quanto hoje que cada indivíduo seja capaz de um trabalho inteligente, que se respeite e se mantenha a si mesmo; que cada indivíduo possa viver por si sua própria vida e prover às necessidades daquêles que dependem de seu esforço, com um conhecimento inteligente do que faz e no interesse inteligente de o fazer bem".

2.º "Nunca, como na hora presente, o trabalho de um só indivíduo afetou em grau tão considerável o bem estar dos demais".

3.º "Os métodos e processos industriais dependem hoje do conhecimento dos fatos e leis das ciências naturais e da ciência social em muito maior grau que dantes.

Nas vias férreas, nossa navegação marítima, fábricas, granjas e até nossas instalações domésticas correntes, dependem, para sua existência, de completos conhecimentos matemáticos, físicos, químicos e biológicos. E dependem também, para seu melhor uso, da compreensão de fatos e re-

lações da vida social. A menos que a classe trabalhadora tenha de reduzir-se ao papel de méra peça mecânica no aparelho que maneja, terá de possuir alguma idéa dos fatos físicos e sociais relacionados com o material e as máquinas que maneja".

O que se conclui dessas afirmações é claro. O fim da educação não é preparar concretamente a criança para tal ou qual profissão, senão desenvolver nela um interesse pela compreensão da importância social e científica da ocupação que mais tarde venha a eleger.

Na opinião de Dewey, a escola deveria fazer da indústria e do trabalho, isento de caráter estritamente profissional, a base de seu programa.

Seria talvez interessante examinar a concepção da escola do trabalho, tal como se encontra no programa do partido comunista russo. Mas isso nos levaria a exceder muito o espaço que gentilmente nos oferece a "Revista do Ensino".

Passa-Quatro, 5-8-1933.

Juscelino Th. de Aguiar Junior

NOTICIÁRIO

Deve a escola nova renegar a escola tradicional?

Conferencia de D. Joaquim Silveiro de Souza, Arcebispo de Diamantina, na Escola de Aperfeiçoamento, poucos dias antes de seu falecimento.

INTRODUÇÃO

"Saint Marc Gerardin, depois de haver lido o *Discurso* de Bossuet, escreveu as seguintes impressionantes palavras sobre a *Historia universal*:

"Bossuet impele uns sobre os outros os séculos e os povos.

Marcha, marcha! diz êle ao Egito, e o trôno majestoso dos Faraós, e seu venerando sacerdocio, e esse povo grave e sério, passam e desaparecem.

Marcha, marcha! diz êle á Grecia, e essas republicas turbulentas, essa nação de poetas e oradores, com suas obras primas e todos os seus troféus, vão se perder na voragem do imperio romano.

Marcha, marcha! diz êle á própria Roma, e êsse povo invencível, que serve de instrumento aos designios de Deus, será apagado da face da terra, que não conquistou senão para Jesus Christo; sua aguia, que pensava voar a bel prazer do Senado, é forçada a reconhecer que seu vôo era traçado pelo dêdo de Deus, e que ela o seguia de preferênciã á ambição dos Silas e Pompêus.

Assim, Deus muda e renova a seu talante a face do mundo".

Um espirito gigante necessario seria para interpretar e descrever, á maneira de Bossuet, a presença da ação divina em meio dos mltiplos e complexos problemas, a cuja solução se aplicam, com grandes e subidos merecimentos, estadistas, diplomatas, legisladores, economistas, sociologos, estudiosos, em suma.

Complexos, sim, porque ás vezes, um só deles envolve outros, varios e delicados, como o da economia internacional, que abrange problemas financeiros, monetarios, bancarios, políticos, morais.

Dai, a Liga das Nações com seu Pacto e seu Conselho, Conferências, como a de Genova em 1922, a da Organização Internacional do trabalho, a Economica Mundial; Tratados, como o das nove Potências; Pactos, como o de Paris, em 1928; o das quatro grandes Potências, há pouco tempo; acórdos, como o de Locarno, a celebre Mensagem de Roosevelt, dirigida aos chefes de Estado para um Pacto solene e definitivo de não agressão, datada em 16 de maio deste ano (1933), que nos faz lembrar, como outros esforços atuais para a paz, o *Pactum pacis*, do tempo de Benedicto VIII, os *paciferos* (*paciferos*), o Concilio de Limoges em 1931, que estabeleceu o arbitramento para solução dos conflitos, arbitramento, que dis-

punha, diz Bessières, de sanções suficientes para assegurar o triunfo do direito.

Mas a que vem essa exposição numa conferência no Curso de Aperfeiçoamento a Religiosas? dir-se-á talvez.

E' que um dos problemas mais graves, em que conspíram figuras primaciaes do mundo intelectual, é o do ensino ou educação, que envolve direitos do aluno, da família, da sociedade civil e da religiosa; é que, se o ensino é hoje mais do que nunca obra capital para o Estado, jámais deixou de ser a arca santa para a Igreja; é que, pela educação, ou se renegam os principios que constituem solida base para a felicidade individual e social, ou se alicerçam os fundamentos para grandes homens e grandes povos, pois estes, como os individuos, fabricam para si, á feição do ensino que assimilam, as espadas que os ferem ou com que se defendem, podendo-se dizer a uns e a outros o que a Mario disse o soldado que o feria: Esta é a espada que tu mesmo fizeste (*Hic est gladius quem ipse fecisti*).

Dito isto á guisa de explicação exordial, entremos no assunto: se a Escola Nova deve renegar totalmente a escola tradicional ou se pode e até deve prolongar certos aspectos dela.

SERÁ O LAICISMO UM DOS CARACTERES DA ESCOLA NOVA ?

Num transatlantico em que vim da Europa, anos já muito passantes de vinte, tive ocasião de ler, durante a travessia, a obra em que o infatigavel educador, Demolins, examina razões da superioridade dos *anglo-saxões*.

O ensino de idiomas pelo exercicio de os falar, e não só teoricamente, o aprendizado de mestres comuns da vida, tão alheios, em geral, á mór parte de nossos collegios de então, não tanto por imposição dos institutos, como pela eleição de educandos inclinados ao menor esforço, levados por varios motivos, ao seu parecer respeitaveis, mui de plano vieram aos meus sentimentos e idéas.

Manifesto descontentamento de alunos do Seminário Maior de Diamantina nos seus primeiros anos, descontentamento, que pronunciava rugidos de tormenta maior, impediu que professores e alunos falassem o latim nas materias ecclesiasticas, como é de regra e de immenso proveito para facilitar as relações com Roma, pois é a lingua official da Igreja. Mistér foi esperar a vinda de melhores tempos.

Ilustrar o assunto, com exemplos coihidos entre as constantes fadigas de sua profissão, poderiam as Religiosas educadoras em tempos já idos, se aqui as houvera, e portam em alto relevo a repugnância de educandas de outróra a aprenderem misteres que, no futuro, háviam de ser exercicio seu de cada dia.

Ainda sob esse aspecto, sem excluir outros, dizer se pode com a Escola Nova: *Mais cousas, e menos livros.*

Fundador da escola *des Roches* e autor tambem da obra "A Educação nova", Demolins não adotou o laicismo na educação, apesar do espirito official vigente no seu país.

Que opposição podia, de fato, haver entre a vida ao ar livre, os trabalhos manuaes, a cultura fisica, observada a disciplina da civilização cristã, o espirito de iniciativa, os métodos ativos, e a Igreja, a grande educadora?

Sabido é que há quem longe, bem longe, vai buscar a idéa do ensino ativo: em Platão. Pois bem, dêle as seguintes palavras: "O legislador não dará á educação moral o ultimo, nem sequer o segundo lugar; êle não esquecerá jámais que, se as gerações são educadas na virtude, a nau do Estado não oscilará".

Na patria de Gentile, autôr da lei que reformou o ensino em 1923, a Religião Católica entra no programa escolar em virtude da Concordata, como se pode ver no volume XXI das A. A. S., pagina 6, acautelando sempre Pio XI os direitos dos católicos nesta materia, nas Concordatas com outros Estados, v. gr., a Polónia, Lituânia, Rumânia, antes com a Baviera, a Prussia, e ultimamente com o Reich, ainda quando nos países se façam amplos ensaios da "Escola Nova", como na Itália, de cujo forte chefe são as seguintes palavras,

pronunciadas em 1924: "Se me ajoelho, não é para render uma homenagem exterior á religião do Estado, mas, sim, em virtude da intima persuasão de que um povo não pode ser grande se não considera a religião como elemento essencial de sua vida privada e publica".

Em Alemanha, país de cultura maciça, ao dizer de Du-thiel, desenvolve-se a "Escola Nova" sistematizada, e, com ser assim, alguns educadores, entre os novos, incluem nos seus programas, como na escola de Geheeb, o desenvolviment-o de *caracteres religioso-morais*.

E isso num país em que o ministro Becker declarou no parlamento, em 1927, que o Reich e os Estados Alemães se haviam determinado aos mais pesados sacrificios para *eleva*r o nível da instrução, acrescentando que "se tratava dum negocio tão necessario como construir um dique para impedir uma calamidade natural", e podia melhormente dizer *mais necessario*.

Caillaux, bem conhecido por sua proficiencia como presidente da comissão de finanças do Senado francês e por seu passado, socialmente, lamentavel, falando há poucos meses em Marselha sobre os grandes problemas economicos, disse que "devemos volver á moral de nossos antepassados, compreender e fazer compreender que só se adquire o beneficiar por uma vida de trabalho, que a honestidade é o melhor fatôr das fortunas sólidas, numa palavra, redescobrir uma regra comum de vida espiritual que restaure as antigas virtudes".

Bastam estes exemplos, calando outros que se nos apresentam na Belgica, Estados-Unidos, Holanda, Inglaterra, Suissa

Aliás, "a escola sem Deus, como disse um grande pensador, autôr de obras da raro primôr nas letras, na história, na critica, na poesia, nas artes, Menendez y Pelayo, seja qual fôr a aparente neutralidade, com que o ateismo a dissimule, é uma indigna mutilação do entendimento humano no que êle tem de mais ideál e excelso. E' uma extirpação brutal dos

germes de verdade e vida que clamam no fundo de toda alma para que a educação os fecunde".

A talho palavras do socialista anti-clerical Jaurès, quando nega numa carta a seu filho a licença, que lhe pedira, de eximir-se do curso de religião: "A religião está unida a todas as manifestações da inteligência humana; é a base da nossa civilização, e é pôr-se fóra do mundo intelectual e condenar-se a uma inferioridade manifesta, não querer conhecer uma ciência que não estudado e possuem em nossos dias tantas inteligências preclaras".

Se "a criança em sua liberdade nos ensina que é, por excelência, criatura religiosa", como diz a doutora Montessori, com a mesma educadora cumpre confessar que "os povos mais civilizados continuam mais religiosos".

E se no Sexto Congresso Mundial da *Liga Internacional para a educação nova*, em Nice, no ano passado (1932), se proclamou "o dever de melhor se conhecer a criança e receber de sua natureza e de suas necessidades as inspirações e as regras pedagógicas", como se furtar a esse imperativo da criança, que a sua psicologia revela aos novos educadores e vem ao encontro do fato histórico dos povos mais civilizados?

AS CONTRIBUIÇÕES DO PASSADO

Tradição e progresso, tal é a fórmula da vida material, espiritual e religiosa no mundo. De modo que bem podemos todos dizer que para o progresso vem contribuindo as idades passadas com seus valores não despiciendo, podendo-se-lhes aplicar em cheio, mesmo quanto á educação, reconhecendo muito embora suas falhas, a seguinte frase:

"El quasi cursores vite lampada tradunt".

Quem ignora que os antepassados nos legaram obras primas que o genero humano vem admirando no transcorrer dos séculos, e se transmitem de geração em geração como faróis que iluminam sua marcha, ora lenta, ora rápida, mas constante, em busca da verdade, do bem, do belo?

Sem volvermos aos séculos anteriores á Idade Média, a curiosidade científica e o progresso intelectual, de que Carlos Magno foi o promotor, sofreram, não ha duvidar, certo estacionamento no século X por causa das invasões normandas e embaraços interiores, mas desde o século seguinte retomaram seu vôo.

Interesse haveria em seguir em todas as suas manifestações e seu desdobramento a intensidade dessa vida até sua expansão no esplendor do século XIII, que hoje só osam contestar alguns sectarios retardados.

Foi principalmente aos conventos assim como á hierarquia eclesiastica, que se deveu a conservação dos estudos durante a Idade Média, tão admirada por Comte.

Vieram depois os educadores do século XVI, e sabe-se como os jesuitas formularam o *Ratio studiorum*, e regeram escolas, collegios, Universities.

Tiveram, como é claro, precusores os novos educadores. Ignorados não vos são seus nomes nem suas obras e nem sua influencia no meio social em que viveram, nem principalmente nos que lhes aproveitaram algumas idéas para o ensaio de novos sistemas de educação. Um exemplo. Entre os vários caracteres da "Escola Nova" aprovados em Calais em 1919 pelos educadores ali reunidos, está o trabalho manual para todos os alunos.

Ora, em Roma, ao declinar do século XVI, oficinas para órfãos e indigentes estavam em atividade.

Para notado é, neste particular, o cuidado com que ali se procurava desde então descobrir as disposições, as tendências ou inclinações de cada um. Era o trabalho distribuído, não como tarefa, mas como meio para desenvolver naturalmente as faculdades que cada pessoa recebeu da natureza, respeitando-se, portanto, como quer a "Educação Nova", as personalidades ou originalidades individuais.

Quem apenas manifestava boa vontade tecia o linho ou cardava a lã; este tinha na mão o buril; aquê, o lapis, aquêloutro se ocupava dos esmaltes de mosaicos.

Dois dos mais celebres gravadores de nossa época, pois não houve solução de continuidade, Calamatta e Mercurii, saem do hospício apostólico de S. Miguel, e sua pia gratidão envia anualmente ao hospício alguma nova obra prima.

A um discípulo da mesma casa, Luiz Amici d'Iesi, se deve o tumulto de Gregorio XVI em São Pedro, diz Eugenio de la Gourmeric.

A FUNÇÃO SOCIALIZADORA DA ESCOLA

Preparar o aluno para, como cidadão, bem desempenhar seus deveres, não só para com a patria, mas ainda para com a humanidade, é outro dos caracteres da "Escola Nova".

Laudabilissimo encargo. Mas pondere-se que o divino fundador da Igreja, erguendo-se por sobre todas as pretensões familiares ou nacionais, chamou-se o *Filho do homem*, declarando deslarte que pertence, com sua obra, ao genero humano, e não a uma nação, raça ou continente. Seu espirito é, não internacional sómente, mas universal. Ele rejeitou com franqueza tudo o que havia de espirito de casta, de estreiteza de partido, de mesquinha e orgulho nacional entre os fariseus.

As encantadoras parabolias, muitos fatos e palavras que se lêem no Evangelho, evidenciam o caráter profundamente humano e universal da missão e da obra do fundador da Igreja.

Pio XI, depois de ter sublimado o patriotismo na sua primeira Enciclica *Ubi arcano*, como fonte copiosa de multiplas virtudes e atos de heroismo, sábiamente ajuntou que esse amor é germe de injustiças e iniquidades, se, transgredindo as regras da justiça e do direito, degenera em nacionalismo imoderado.

Supranacional, a Igreja em seu aprisco reúne bem mais de trezentos milhões de homens pertencentes a todos os povos do universo, que, tendo o mesmo *Credo* e a mesma moral, conservam suas aptidões particulares para bem de todos.

A habilidade, vivacidade, delicadeza no trato de uns, se aliam á solidez, ao espirito refletido, positivo, ou á prudência de outros; a simplicidade e piedade destes se unem á ductilidade, subtileza daqueles; o espirito de iniciativa, a aptidão para as ciências e artes, que distinguem alguns, acham compensação no gôsto de outros para o comércio, as industrias, etc.

E' realmente a unidade na multiplicidade e a multiplicidade na unidade.

O que a Igreja realiza nessa imensa extensão, que não conhece outros limites que os da terra, não é unidade puramente nominal e superficial: é unidade de espirito e de coação.

E isso se vê á luz meridiana quando a um acção seu se congregam num ponto determinado do glôbo, v. gr., em Roma, Londres, Aparecida, Congonhas, Ria, Baía, as multidões para aclamarem um mistério, festejarem um santo, ou virem a palavra dum missionario.

Quão poderosa comunidade humana a que as mesmas coisas crê, espera, canta, vive, cousas que atingem as profundezas de cada alma, e, por acrecimo, trazem consigo séculos de tradições nacionais e familiares!

Não é a comunhão humana mais doce, mais fecunda, mais aderente? exclama o Cardeal Verdier, cujos pensamentos transplanto para o pátrio idioma.

Que instituição haverá mais apta do que a Igreja para pela escola orientar para a paz os animos em formação?

Não é isto violar um dos caracteres da "Escola Nova" aprovado em Calais (a educação de dentro para fóra), mas observar o outro, tambem pelos mesmos educadores aprovado (o ensino baseado sobre os fatos e a experiencia).

Recordar aos educandos a palavra de Pio XI: "a melhor garantia da tranquillidade entre as nações não é uma floresta de baionetas, mas a confiança mutua e a amizade", ou a de Benedito XV, que escrevia em plena guerra: "a segurança das nações repousa na benevolencia mutua, no respeito dos direitos e da dignidade dos outros, muito mais do que no nu-

mero de soldados e em formidáveis fortalezas", é epílogar fátos, que certamente registrarão os livros escolares para consulta, como a inesquecível ação de Rio Branco, não só para a solução de nossos seculares litígios pelo arbitramento, mas também pelos muitos tratados por êle concluídos nesta materia com quasi todas as nações da America e da Europa; é, afinal, fazer surgir ao espirito dos alunos um dos fátos de que o Brasil pode justamente se ufanar: a adoção do arbitramento na Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

INSTRUIR — EDUCAR

Convir se deve que a educação antiga, ao menos em não poucos institutos de formação intelectual e moral, era, em excesso verbal e mnemônica, sendo força reconhecer que ainda então docentes havia de horizontes mais vastos neste particular.

A "Educação Nova", procura corrigir o excesso, dando parte mais larga ao raciocínio, para melhor intelligência da matéria entre mãos, e fazendo que o aluno busque na imagem o ideal, e que certamente auxilia também a memoria, que mais firmemente conserva a impressão recebida por meio dos sentidos. Dar-se-á a definição dum automovel a quem nunca teve a ventura de vê-lo; comunica-lhe uma idéa, que fica muito aquem da que êle terá quando o vir movido não por forças animais, mas por meios mecanicos; e o conhecimento assim adquirido se gravará mais claro e firme.

Não se há de, entretanto, esquecer que as fórmulas abstratas são também necessarias. "Este modo de falar por predicados abstratos eleva mais o nosso conceito, diz Manuel Bernardes na "Nova Floresta", e põe mais graus na fórma do sujeito. Por isso a Igreja não se contentou em chamar formosa a sacro-santa Humanidade de Christo, senão Formosura".

Isto nos leva a tocar noutra falta que, se diz, inquinava a educação tradicional, falta a que alguns dão proporções

maiores do que realmente tinha: a passividade do educando, a palavra incontestavel do educador e, conseqüentemente, a deficiência de iniciativa do aluno, o *Magister dixit*, numa palavra.

A culpada, já se sabe, é, no dizer de infensos ao Cristianismo ou á Igreja, a Idade Média.

Certamente essa falta na educação impediria, em grande parte, a formação do espirito do aluno, uma vez que o regime fosse de compressão tal, que ao educando inibisse toda a iniciativa, pois formaria automatós, e não pessoas de ação e concientes.

Como o errar é humano, e perseverar no erro, — diabolico, aplausos merece uma fórmula que desperta a atividade e curiosidade do aluno.

Não se pense, porém, como é vèzo de alguns, que só dominava na escola tradicional o método chamado de autoridade e que todo ensino era sob o jugo do *Magister dixit*.

O Franciscano Rogerio Baconio, cognominado "Doutor Admiravel", escreveu no seu "*Opus maius*":

"Sem duvida, é necessário respeitar os antigos e mostrar-se agradecido para com aquêles que nos abriram o caminho, mas não se olvide que êles foram homens como nós, e se enganaram mais de uma vez... ainda os santos, como Santo Agostinho, S. Jeronimo... Dêles só com respeito falemos, não esqueçamos a gratidão que devemos a esses sabios da antiguidade, ... mas não hesitemos em *contradizê-los*, se erraram".

O respeito desses principios acha confirmação nas obras admiraveis dos grandes laboriosos de genio que se chamaram Sant'Alberto Magno, Santo Tomás, São Boaventura, Pedro Lombardo, e tantos outros, que em todas as provincias do saber, na filosofia, nas letras, em todas as artes, não sómente abriram os caminhos, mas ainda deixaram obras monumentais, que serão até ao fim dos tempos a riqueza e a gloria do genero humano, ainda que nem sempre imunes de êrros.

Observe-se que nesses tempos, nas suas Universidades, cujos catedráticos seriam menos ignorantes, se menos ignorados, como disse Ozanam, ressoavam asperas controvérsias, sutis argumentações, disputas, como se dizia.

EDUCAÇÃO SOB MEDIDA

"Lei fundamental da sã pedagogia é acomodar os processos formativos às disposições e qualidades do sujeito em formação".

Como "aplicar a mesma regra, propôr os mesmos estímulos, submeter ao compasso do mesmo ritmo seres física, intelectual e sentimentalmente distintos, e cujo destino, na vida, é justamente completar-se por sua diversidade", diz Izaga, referindo-se às palavras de Pio XI na Encíclica sobre a educação.

No Sexto Congresso Mundial da "Educação Nova" ventilou-se o método de individualização da educação, dizendo-se "ser erro tratar os alunos em bloco, como massas homogêneas: que devemos tender sempre para a educação dos indivíduos, e que é mistér classificar os discípulos em pequenos grupos, com qualidades diferentes bem definidas".

A COEDUCAÇÃO

A ninguém, que tenha conhecimento, ainda que não perfeito, do que seja educação, escapará a particular importância destes dois últimos períodos, mas são transparentes também para quantos, pela fé e pela experiência, conhecem que o nosso planeta não é habitado por inocentes, vindos à existência sem o pecado original e seus tristes efeitos. Refiro-me à coeducação.

O comunismo já fez a experiência, e os funestos resultados foram dados à publicidade na *Revista dos Dois Mundos*, há anos; e o mais que aqui se pode dizer, e que é o mínimo estampado na dita Revista, é a eclosão dos piores instintos nessa atmosfera rescaldada, em que o pudor é infamado.

Não se ignora o que em Calais, no ano 1919, aprovaram os educadores que ali se congregaram e resolveram na matéria de que se trata. O caráter quínto das *escolas novas no campo* supõe, para os "resultados morais e intelectuais surpreendentes", os casos em que a coeducação tem pôdido aplicar-se em condições materiais e espirituais favoráveis; note-se, porém, que no Sexto Congresso Mundial da Liga Internacional para a "Educação Nova", celebrado em 1932, "nas sessões do encerramento nenhum voto pedagógico foi emitido. Temeu-se talvez resumir em fórmulas rígidas a diversidade de métodos e de idéas expostas", diz Datin.

Diversidade de métodos e idéas expostas. No torvelino dêles e delas, de caracteres vários, alguns até antireligiosos, como em certos países, espíritos judiciosos e almas de incontestada delicadeza se apavoram por não conhecerem os designios de Deus, esquecendo-se de que nós só vemos a parcela dum plano, cujo conjunto só Deus possui.

Os garimpeiros, e, talvez melhor do que êles, os compradores de diamantes, distinguem perfeitamente o diamante verdadeiro do falso, quer natural quer artificial.

Católicos, patriotas, sensatos, nossos governantes, ansiosos por um melhoramento na instrução e educação que nos ponha na vanguarda das nações, saberão discernir o verdadeiro progresso do falso, e entre os varios métodos, sistemas e idéas, eleger o que assegure os direitos do menino, dos pais, da Igreja, do Estado, como *condição essencial da ordem social*.

De fato, quem entre nós subscreveria a idéa dum professor de pedagogia na Universidade de Sofia, cujo nome num discurso pronunciado no Grupo Escolar de Diamantina citei, o qual chegou a dizer que a educação antiga levava á gatunice ou trapaçaria moral crescente, e que não produziu honestidade, nem bondade...?

Necessário será que, para "se atingir a verdadeira finalidade da educação, tudo se faça de novo e que nossa pequena tradição nada representa"?

A resposta a esta pergunta ver-se-á mais adiante, por provas maiores de toda a exceção, que o são palavras de notáveis concidadãos nossos, que ficarão aqui registradas.

Entre os muitos precusores da "Educação Nova" apontam-se também Montaigne e Rabelais, a quem um velho universitário francês chama "enigmático, que toma e deixa o habito, torna a vesti-lo e novamente o deixa, escreveu enorme romance, ora sério, ora chocarreiro, religioso e cético. Dêle a frase sobre a educação em seu tempo: "A suprema *asneira* é embrutecer esses bons e nobres espiritos". E por que? Porque, no sentir dêle, incoerente por seus escritos e seus costumes, a educação, dada como era, comprimia os espiritos em vez de desenvolvê-los. Mas se a educação pesava então, segundo êle e outros, pelo excesso de literatura classica, não haverá hoje exageração no contrario?

De Montaigne as frases seguintes sôbre o exercicio fisico, tão preconizado pelos educadores, com os quais é razoavel estar de acôrdo, contando que se evitem excessos, v. gr. a violação da decencia, o que já foi objéto de solene reclamação de Pio XI, como certamente ninguém ignora aqui; assim como conhecida é, lida e relida cumpre ser sua preciosa Enciclica sôbre a educação, que mereceu, apenas publicada, rasgados encomios até de dissidentes, como o *Times*, que não é católico.

Eis as palavras de Montaigne:

"Endurecei o menino ao suôr e ao frio, ao vento e ao sol; tirai-lhe toda moleza, frouxidão ou nimia delicadeza no vestir e no dormir, no comer e no beber... não seja êle adamado, mas vigorosô".

Estas recomendações, diz autorizado comentador do texto, eram applicadas nas Escolas dos Jesuitas, cujo ensino, por eficiente e popular, tão ás rebatinhas era procurado, que, no ano da supressão da Companhia, mantinham êles 669 Collegios, além de Escolas e Universidades.

Montaigne se referia a Collegios do sexo masculino, e por isso disse *adamado*.

Para os do pio femineo sexo vale uma frase de Camillo Castello Branco:

"Não há feminilidades que se respeitem desde que a mulher se *masculiniza*".

Ceilhier diz que a vara ficou por muito tempo attributo especial, e como que ritual, da gramatica na representação simbolica das artes liberais.

Nossas delicadezas e susceptibilidades nesse ponto, ás vezes excessivas, não eram conhecidas por pagãos, nem por nossos antigos cristãos. Nesses séculos de rudeza de costumes os castigos fisicos confundiam-se com a energia do caráter, sem dano da bondade do coração e da elevação da intelligência. Havia até alunos que os preferiam ás advertências, como Roberto, filho de Guilherme, o Conquistador, que, segundo Olderico Vital, na Historia de Normandia, dizia: "Eles me abeberaram de admoestações até me causaram nauseas". De seu primeiro mestre, diz Vuilberto de Nogent: "Tanta amizade le tinha que, apesar de ser eu pouco preguiçoso, e êle aver mais de uma vez marcado com varadas, e sem motivos, mina delicada pele, esquecia toda sua severidade e lhe obedecia com uma não sei que sentimento de amor".

Mas recorde-se que, já antes do ano 900, Ricolfo, bispo de Soissons, verdadeiro campeão da instrução do povo, escrevia: "Corrigi vossos alunos com moderação, educai-os castamente, ensinai-lhes as letras", etc.

Muito depois São Francisco de Sales, que fundou a Ordem da Visitação, a qual, por expressa vontade de Urbano, VIII, cuida da educação de donzelas, dizia:

Fala o texto em *homens*, mas "as Religiosas, segundo madame de Sévigné, são anjos", e naturalmente possuem o segredo de melhor ganhar os corações para, sem prejuizo da reta disciplina, formarem professoras dignas do elevado cargo que exercerão: elevado, não sómente quando o desempenham em lugares mais cultos e confortaveis, mas também quando partem em pequeninos com os filhos dos que moujem, analfabéto, na penosa vida rural, o pão da educação.

Passou o tempo do mestre-escola de fisionomia rebarbativa, mas durou, durou, e o alcançou eu, que, embora não possuía o segredo de não envelhecer, nem natural nem artificialmente, ainda não fiz os setenta e cinco.

Agora uma voz de além tumulo antes de vozes de hoje.

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

"Nós cremos necessário e útil lançar os fundamentos do verdadeiro bem-estar de nossos povos, insinuando-lhes uma instrução racional, ao mesmo tempo que cristã, para dar á juventude com o temor de Deus os conhecimentos que lhe são uteis.

Os meninos não poderão deixar a escola antes de serem instruídos nos princípios do Cristianismo e de saberem ler e escrever bem.

Os mestres, mais do que os outros, devem ser animados de solida piedade...

Antes de todas as coisas elles devem possuir o verdadeiro conhecimento de Deus e de Cristo, de sorte que, fundando no Cristianismo a retidão de sua vida, cumpram sua missão diante de Deus, em vista da salvação, e, assim pela dedicação e bom exemplo, fazendo felizes seus discipulos nesta vida, os preparem também para a felicidade eterna".

Palavras citadas são estas por Charles de Ribbe na obra "As familias e a sociedade em França antes da Revolução".

Mas de quem ?

Evidentemente esta doutrina não pode ser formulada senão por Sua Majestade Cristianíssima, o rei de França, responente, ou Sua Majestade Católica, o rei de todas as Espanhas, ou Sua Majestade Apostolica, o imperador da Austria e rei da Hungria, como diz Hervagault. Erro! estas linhas pertencem ao *Regulamentó geral das escolas*, promulgado a 12 de agosto de 1763 por Frederico II, rei da Prussia, e que perto de dois séculos foi a carta dos direitos e dos deveres do regime escolar nesse país.

Frederico II, incredulo notorio, digno amigo e comensal do rei dos impios, Voltaire, sabia que respeitar em legislador a crença de seu povo, quando ella tem o código de moral mais completo, assegura no homem o respeito á autoridade, o consola nas provações desta vida, oferecendo-lhe para a outra magnificas esperanças, é um ato de excelente politica, de estrita equidade e d egarantia para o Estado.

Ele podia aprovar a incredulidade de certos espiritos, mas a temia na massa do povo, que, logico a seu modo, não deixa de ir até ás ultimas consequencias dos principios postos".

AS OPINIÕES NO BRASIL

Agora vozes de hoje.

Catando o decreto de 30 de abril sobre o ensino religioso, referendado pelo ilustrado Ministro Francisco Campos, bem avisados andaram os proceres do actual regime, adotando no ante-projeto da Constituição a faculdade do mesmo ensino, assim como os partidos politicos do nosso Estado, incluindo em seus programas o mesmo são ideal.

Escutemos o capitão João Alberto na entrevista concedida á "A Noite", de 17 de março deste ano.

"Quando ao ensino religioso facultativo, a grita levantada por alguns elementos não tem razão de ser.

Pode o Estado negar ou fingir desconhecer a realidade católica no Brasil?

A Revolução fez-se para remodelar o país e integrá-lo no governo de si proprio. de acôrdo com suas tradições, suas convicções e seus anseios. Como é então que a Constituição que vamos adotar poderia fugir das diretrizes naturais, divorciando-se do sentir quasi unanime do povo brasileiro?

O Brasil deve á Igreja católica a sua unidade espiritual, que constitue um dos elos mais poderosos da unidade nacional.

Deve mais a difusão do ensino, que durante longos anos encontrou nela a propagadora quasi que exclusiva.

Deve, ainda, a educação moral do povo brasileiro, cujo padrão é dos mais altos, graças a isso.

E há de se negar esta evidência, e investir contra a Igreja, pelo gosto de empregar frases e conceitos sem significação como o clericalismo, laicismo e outras expressões seções e vazias?

O Brasil é católico, e sua Constituição só pode consagrar sobre a família e sobre o regime social os princípios da doutrina católica.

Palavras de ouro, que encerram conceitos que estavam desacostumados a ouvir de representantes dum povo profundamente religioso, e trazem á mente as sentenças proferidas na tribuna sagrada de paróquias da então diocese de Mariana, por um grande missionário lazarista com a excepcional autoridade que lhe grangearam a idade, o saber e a virtude.

O indiferentismo, e, de acôrdo com a Constituição de 91, melhor se dirá, o laicismo, teve numa frase do sr. dr. Gustavo Capanema, por ocasião da organização do programa do Partido Progressista, sua condenação, e é que "o Partido se fundava em Minas para agir em harmonia com o pensamento mineiro, e que o pensamento mineiro é católico". O mesmo pensamento dirigiu o programa do Partido Republicano Mineiro.

Para esquecidas não são as palavras com que, em resposta á homenagem que lhe prestastes, o muito digno Secretário da Educação, dr. Noraldino Lima, vos significou seu apreço á vossa colaboração.

"Colaboração, disse s. excia., que é valiosa, sobretudo porque, tendo os seus caminhos na terra, tem o seu ponto terminal do céu.

"Não compreendo, como já tenho afirmado mais de uma vez, a escola fóra de Deus", e continuando: "era natural que, assumindo este cargo, eu me preocupasse com as vossas escolas, exatamente porque são as escolas para as quais os ramos do corpo e os do espirito se superpõem na concepção do mesmo ideal humano".

E depois de dizer que embora "curto o curso, como abrange um limitado campo de disciplinas, pode ser feito com segurança, tanto mais quanto, habituadas ao estudo e ao silêncio, vivendo mais da vida subjetiva, do recolhimento e da meditação, sabeis multiplicar melhor, á margem do bulício do mundo, o peso do dever e a limitação do tempo", frisa o "espiritualismo sadio e criador, que, sendo lastro de nossas tradições religiosas, vive, mercê de Deus, tanto nos estabelecimentos leigos como nos católicos de Minas-Gerais.

Expansões de sentimentos tão justos quão elevados vos ganham os ânimos, para, porfiando qual a qual mais, trabalharam com tanto ardor, aqui no aperfeiçoamento próprio, e fóra no magisterio, quanto cabe nas alturas do mais ardente amor á Igreja e á Pátria.

Há uns nove anos, um excursionista inglês, durante uma tempestade, refugiou-se num pagode budista, na China. Ai encontrou 'ele varias cruces, uma das quais, com fórmula bem aproximada da cruz de Malta, tem misteriosos caracteres, que, decifrados por sabies católicos e um protestante, significam: "Olhai para a Cruz; apoiai-vos nela".

Sejam estas as minhas ultimas palavras nesta conferência, porque pela Cruz a luz, luz para vós, luz para as almas que vos forem confiadas".

DAQUI E DALI

Como os pequeninos registram e informam em relatório as suas atividades.

Pelotão de saúde e policia do Grupo Escolar de São Tomás de Aquino

Primeiro turno:

Relatório das classes: Primeiro ano-A, segundo ano-B, terceiro e quarto.

Dia 8:

Fiscalização pelos fiscais de higiene.

Primiero ano-A:

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| Unhas sujas | 4 alunos |
| Roupa suja | 0 alunos |
| Cabeça suja | 0 alunos |
| Dentes sujos | 1 aluno |
| Canequinha | 2 alunos |
| Frequência | 55 alunos |
| Infrequêntes por doença | 1 aluno |

Segundo ano-B:

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| Unhas sujas | 3 alunos |
| Roupa suja | 1 aluno |
| Cabeça suja | 1 aluno |
| Dentes sujos | 2 alunos |
| Canequinha | 2 alunos |
| Frequência | 39 alunos |
| Infrequêntes por doença | 0 aluno |

Terceiro ano:

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| Unhas sujas | 1 aluno |
| Roupa suja | 0 aluno |
| Cabeça suja | 0 aluno |
| Dente sujo | 1 aluno |
| Canequinha | 0 aluno |
| Frequência | 48 alunos |
| Infrequêntes por doença | 0 aluno |

Quarto ano

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| Unha suja | 0 aluno |
| Roupa suja | 0 aluno |
| Cabeça suja | 0 aluno |
| Dente sujo | 0 aluno |
| Canequinha | 1 aluno |
| Frequência | 40 alunos |
| Infrequêntes por doença | 0 aluno |

Foram medicadas por duas enfermeiras, (Cruz Vermelha) a pequena Elza, aluna do primeiro ano-A, de um ferimento no joelho (tembo), a aluna Erondina, primeiro ano-B (dôr de dente).

A patrulha neste dia nada houve a registrar. Os meninos foram direitinhos para suas casas.

Tomaz Santana, secretário, aluno do terceiro ano.

Plantas extraordinárias

(Clube de Ciências da Escola Normal "Sacré Coeur de Marie", da Capital).

São variadíssimos os usos e formas das plantas extraordinárias que vou enumerar. A mais interessante é a planta carnívora, que se alimenta quasi exclusivamente de insetos. Chamá-la-íamos animal se este vegetal caminhasse. No entanto, a locomoção, falta a alguns animais, tais como os polípos e a esponja, que têm a aparência de um vegetal e, como a planta carnívora, são destituídos da locomoção. E sendo assim a planta carnívora é aparentemente mais animal que vegetal, porque tem um movimento parcial das folhas, que falta absolutamente à esponja e ao coral.

A planta carnívora é uma planta que se alimenta pelas folhas e se fixa ao solo pelas raízes. A planta carnívora tem o suco gástrico, digere as substâncias azotadas e, como qualquer de nós, assimila o que digere. Entre as grandes variedades de plantas carnívoras que existem, as mais curiosas são: *drosera*, a *dionéia*, *muscipula*, *droseraceas* e *utriculares*.

A *drosera* é uma planta da flôra alemã, de pequeno porte, que vive, de preferência nos lugares úmidos e cuja folha tem a forma aproximada de uma colher, cuja concha quasi chata é coberta de pêlos ou filamentos que se vão alargando do centro das conchas para as bordas. Cada um desses filamentos possui na extremidade uma glândula que produz uma secreção viscosa e brilhante. Assim aramada de pêlos, a folha da *drosera* tem o aspecto de uma cabeça chata coberta de córdas viscosas. Vamos ver agora como a planta faz para se alimentar. Imagina-se uma mosca descuidosa pousa na folha da *drosera*. Como os pêlos do centro são mais curtos e estão menos cobertos de visgo, o inseto sente logo dificuldade em mover-se, porque o visgo o retém pelas pernas e asas ao limbo das folhas.

As *utriculadas* são plantas brasileiras que existem nos lugares alagadiços e banhados do Rio, São-Paulo e Minas-Gerais. As raízes e a parte do caule estão submersas. Suas folhas são pequenas e carnosas. Possui utriculos, pequenas ampôlas apenas em grande número aos ramos submersos. Tem um orifício que, soo a pressão de fora, se abre para logo fechar-se como válvulas. Nesses algôpos, captura-se grande numero de animalículos: crustáceos, microscópicos,

copépodes e ostracoides, larvas de crustáceos e insetos, etc.

As *droseraceas* são da America do Norte. Seu principal espécime é a *drósera rotundifolia*, que vive em pântanos; suas folhas são redondas, muito espessas e carnudas; possui grande quantidade de pêlos grossos, verdadeiros lenfocitos, que secretam um líquido espesso e viscoso, de propriedades digestivas. Só as raízes mergulham na água. Somente as patas e asas do inseto é que não são digeridas.

A *dionaea muscipula* tem grandes folhas, de pecíolos estipulados terminando num limbo arredondado. Vê-se ao centro a nervura mediana dividindo-a em duas páginas; suas bordas são dotadas de longos pêlos ao centro; na face central do limbo ha muitos pêlos secretores e dois ou três maiores, pêlos sensíveis.

Logo que um inseto toca um desses pêlos sensíveis, o limbo fecha-se dobrando-se ao meio em torno da nervura mediana e entre-cruzando os pêlos. O inseto fica enclausurado, sobre elle derrama-se a secreção digestiva, e o limbo só se expande de novo quando a folha já o absorveu.

O craveiro da India

Esta planta mede doze a quinze metros de altura. Colhem-se os botões das flores, antes destas se abrirem, os quais, uma vez secos, constituem-se cravo do nosso comércio, usados como condimentos ou substâncias aromáticas. A corolla do botão forma uma bolinha na extremidade entre os quatro dentes do cálice; esta bolinha arremata num tubo e, como este toma o aspecto de um cravo de ferradura, donde lhe vem o nome vulgar. Primeiro fica verde; depois, amarello demasiado, e, finalmente, vermelho; é neste estado que se deve colhe-los.

Cogumelo

Cogumelos ou fungos são talofitos sem clorofila. O cogumelo tem seu talo constituido de filamentos longos e flexuosos, verdadeiras cadeias celulares.

Ora, estes filamentos são soltos, emaranhados, enovelados e dizem-se o micélio; ora, agregados, juxtapostos, formando um todo compacto como um tecido que se chama

o estroma. Micélio e estroma são texturas diferentes de uma mesma estrutura celular simples. Certos cogumelos assumem uma forma de resistência em estado de vida latente: o tecido contrai-se e condensa-se, formando um corpo de consistência esclerosa, donde mais tarde brotará um talo comum filamentosos.

Aquele tecido condensado e duro dá-se o nome de esclerodíio.

Caracteres gerais

Desprovidos de clorofila, os cogumelos são em geral brancos; alguns, entretanto, possuem princípios corantes, como o *Penicillium glaucum*, verde azulado, que constitue um dos bolores mais comuns no couro velho, na casca de queijo, etc. Tambem o urupé possui uma materia corante vermelha, que se pôde até empregar industrialmente.

Tipos de Cogumelos

Numerosissimas são as espécies de fungos; constitue uma vasta flóra, humilde desconhecida do vulgo, mas cujo estudo basta ocupar a existência laboriosa de muitos homens. A micrologia ou estudo dos cogumelos é assunto de mais relevante interêsse para a agricultura, pois a grande maioria das moléstias das plantas são micosas, isto é, são determinadas por cogumelos; e para a medicina não é menor a sua importância, dado o grande número de moléstias humanas e de animais domésticos produzidas por cogumelos. Vulgarmente conhecem-se três tipos: as orelhas de páu, chapéu de sol e os bolôres. As orelhas de páu ou urupés são saprofitas, que têm a forma semi-circular donde lhe veio o nome. As vezes atingem grandes proporções.

O chapéu de sol é das formas mais típicas: no monturo estão os filamentos de seu micélio, e para a atmosfera ergue-se a haste com a umbrela característica.

Ao brotar do sólo está envolta em uma membrana ou véu á volta, que logo após se rompe, conservando apenas, como vestígio, um anel na base da haste.

A Umbrela ou receptáculo é esponjosa; néla, em suas bordas, formam-se os esporos da reprodução. Outro tipo

vulgarmente conhecido é o dos bolores. São cogumelos microscópicos que, em grande número, cobrem a superfície, em que vivem, de um induto brando ou levemente colorido e mui destacado. Chama-se mófo. Este mófo é uma floresta de pequenos vegetais da mais variada fôrma.

Os cogumelos parasitas apresentam-se particularmente sob este aspecto, ás vezes muito característico, como o chamado sapinho (que infesta a bôca das crianças cobrindo a mucosa de uma camada branca e holorenta).

A socialização na escola

Estamos no século das evoluções.

Tudo no mundo se vai transformando.

Seguindo a correnteza da vida, surge com grande êxito, apresentando novos métodos e processos racionalizadas, a "Escola Nova", também chamada a "Escola da Vida", cujos resultados têm sido maravilhosos.

Sim, com muito fundamento, merece ela o nome de "Escola da Vida"; de fato, havia outrôra uma grande separação entre a vida da criança e a escola; hoje, para o nosso benefício, caminham juntas.

A princípio, teve a "Escola Nova" de vencer grandes obstáculos, mas, atualmente são muitíssimos os seus adeptos, e este movimento inovador vai crescendo dia a dia.

Na "Escola Ativa" ha um regimen que assusta ainda a muitos educadores: é o da liberdade. Confundem-na com a indisciplina; enganam-se: pode haver a necessária liberdade sem haver anarquia, uma vez que o professor saiba conduzir a classe. A criança normal sente, com efeito, necessidade de movimentar-se, de fazer qualquer coisa, e, assim sendo, a atividade infantil precisa e deve ser mantida em classe.

O menino, na escola de hoje, trabalha, adquire por si a experiência, revela o seu caráter, manifesta suas idéas e não toma o habito tão ridículo de dissimular.

Não pensam assim alguns professores: acham que a escola deve conservar-se numa completa inercia e que estas inovações não devem ser introduzidas. Não quero, absolutamente, desfazer a escola tradicional, mas, sim, glorificar a "Escola Nova" que vem aperfeiçoando aquela, ensinando

a criança a pesquisar, observar, experimentar, com um esforço quasi que espontaneo.

A Pedagogia Moderna procura com grande afan introduzir na escola a socialização, colocando a criança em contacto com a vida, conduzindo-a de acôrdo com as tendências, habituando-a a compreender os deveres sociais.

Mas de que maneira se introduz a socialização na Escola? Entre outras fôrmas, dando liberdade aos educandos para que organizem reuniões, promovam festas, auditórios e, então, irá o menino com a sua própria experiência adquirindo aptidões para o futuro e saberá vencer as multip-las dificuldades que lhe hão de aparecer na vida.

O professor, neste caso, será o seu guia, aproveitará a oportunidade para inculir no seu espirito os bons sentimentos, e corrigir-lhe as faltas.

E' o que vem fazendo a nossa Casa de Ensino, aplicando todos os métodos da nova Pedagogia.

Prof. Aurora Aloise

(Da "A Noticia", de São-Tomaz de Aquino).

MOVIMENTO EDUCACIONAL

A conferencia Nacional de Proteção á Infancia

Impressionado com o atraso e a insuficiência dos serviços de proteção á infancia em nossa terra, em contraste com o que já se está fazendo em outros países, e com a importancia nacional do assunto, resolveu o eminente Chefe do Governo Provisório, sr. dr. Getúlio Vargas, convocar uma Conferência Nacional, onde fossem, com a cooperação dos elementos dos Estados, estudados e discutidos em detalhe os principais problemas referentes á saúde, á educação, ao desenvolvimento físico e mental, e ao amparo da criança, com o fim de orientar o Governô nas medidas a tomar para a realização de um plano eficaz de proteção á infancia.

As idéas do Chefe do Governô foram consubstancia-das em uma circular dirigida aos Intervenitores dos Estados em 25 de Dezembro do ano passado, e que ficou conhecida com o nome de MENSAGEM DO NATAL.

Eis aqui o texto deste documento, que foi recebido em todo o país com eufóricos aplausos, e que, na opinião geral, assinala uma era nova na política construtiva do Brasil.

MENSAGEM DO NATAL

"Aos Srs. Interventores dos Estados.

Escolho este dia, tradicionalmente consagrado à criança, para vos dirigir um apêlo, no sentido de dispensardes a maior atenção aos problemas concernentes à proteção e à saúde da infância, pois nenhuma obra patriótica, intimamente ligada ao aperfeiçoamento da raça e ao progresso do país, excede a esta, devendo constituir, por isso, preocupação política verdadeiramente nacional.

Os poderes públicos, aliados à iniciativa particular e guiados pelo estudo atento e científico dos fatos, têm no amparo à criança, sobretudo quanto à preservação da vida, à conservação da saúde e ao seu desenvolvimento físico e mental, um problema da maior transcendência, chave da nossa opulência futura, principalmente em nossa terra, onde, mais talvez que nas outras, se acumularam fatores nocivos à formação de uma raça forte e sã.

O índice da mortalidade infantil é, na própria capital da Republica, só comparavel ao das grandes cidades tropicais da Africa e da Asia e, no resto do país, as cifras são desoladoras.

A hora impõe-nos zelar pela formação da nacionalidade, cuidando das crianças de hoje, para transformá-las em cidadãos fortes e capazes.

Desejando dar caráter pratico a esta campanha, que é quasi de salvação publica, deveis desde já, nesse Estado, ir congregando os especialistas no assunto, de forma a estudarem o problema, ampla e minuciosamente, em face das estatísticas e à luz dos ensinamentos da hygiene moderna. Para coordenar o esforço das diversas unidades federativas nesse sentido o governo reunirá, logo que possível, nesta capital, um Congresso em que estejam representados todos os Estados. Tomando por base esses trabalhos preliminares, o Congresso fornecerá, finalmente, ao governo federal os métodos e as diretrizes a seguir, para favorecer e auxiliar todas as instituições seriamente empenhadas em promover o bem estar, a saúde, o desenvolvimento e a educação da criança, desde antes do nascimento, pela assistência à maternidade, até à idade escolar e à adolescência, proporcionando-lhe, ainda,

os subsídios indispensáveis à promulgação de leis e regulamentos tendentes a realizar uma proteção eficaz à infancia, com segurança de exito. Cordiais saudações. (a) — *Getulio Vargas*".

A COMISSÃO EXECUTIVA E SEUS TRABALHOS

Após a publicação desta circular, o Chefe do Governo Provisório, por intermedio do Ministro da Educação e Saude Publica, sr. dr. Washington Pires, incumbiu o dr. Olyntho de Oliveira, inspetor de Hygiene Infantil, de iniciar a organização da Conferência Nacional de Proteção à Infancia, sendo convidados, na mesma ocasião, para completarem a Comissão Executiva, o dr. Mello Mattos, juiz de menores da Capital, d. Stella Guerra Duval, presidente da "Pro-Matre", o dr. Massillon Saboia, chefe do serviço de inspecção medica escolar do Distrito Federal, e o Conego dr. Leovigildo Franca, diretor da Associação de Escoteiros Católicos do Coração de Jesus.

A Comissão Executiva começou logo os seus trabalhos, reunindo-se em uma das salas do Ministerio da Educação e Saude Publica. Elegeu seu presidente o dr. Olyntho de Oliveira, ficando como vice-presidente o dr. Mello Mattos, secretário geral o dr. Massillon Saboia, secretaria das secções a sra. Guerra Duval, e tesoureiro o conejo Leovigildo Franca.

Organizada a mesa, passou-se a assentar o plano e redigir o regulamento geral da Conferência.

Ficou então resolvido telegrafar nos Interventores dos Estados, comunicando-lhes o inicio dos trabalhos e solicitando-lhes a remessa de nomes de pessoas competentes e dedicadas a assuntos relativos à infancia a fim de serem convidadas a auxiliar os trabalhos da Conferência nos Estados.

Por proposta do dr. Olyntho de Oliveira ficou assentado que a Comissão de começo procurasse recolher em todo o país informações relativas ao estado atual da proteção à infancia em todas as suas formas, redigindo para isso uma série de questionarios que seriam dirigidos às pessoas indicadas pelos Interventores, e a outras que, ao conhecimento da Comissão, estivessem no caso de fornecer as informações solicitadas.

Esses questionarios foram redigidos e discutidos pelos diversos membros da Comissão e serão em breve distribuidos pela respectivas comissões estaduais.

Foi depois examinada a questão dos assuntos a serem debatidos na Conferência, ficando resolvido que os temas

seriam dados pela Comissão Executiva, que convidaria para relatá-los, no Distrito Federal e nos Estados, pessoas consideradas capazes de dar-lhes o desenvolvimento necessário. Em sessões ulteriores foram apresentados os enunciados desses tópicos, compreendendo questões de medicina, higiene, legislação, assistência, sociológica e educação.

Não publicadas aparte as listas destes tópicos, assim como as dos questionários a serem solicitados das autoridades estaduais.

Numa das sessões da Comissão Executiva, referiu o dr. Olyntho de Oliveira que a Sociedade Brasileira de Pediatria estava organizando para este ano, aqui no Rio, um Congresso Brasileiro de Pediatria e Higiene Infantil. Como se tratasse de assunto correlato com os que iam ser objeto da nossa Conferência, lembrou-se de juntar as duas iniciativas, passando o Congresso de Pediatria a fazer parte da Conferência, constituindo a sua seção médica e higiênica. Consultados, o Ministro da Educação e a Sociedade de Pediatria, manifestaram-se um e outro de acordo com a ideia, que passou assim a efetivar-se. Facilitou a transação o fato de ser o dr. Olyntho de Oliveira também o presidente da Comissão Executiva do projetado Congresso de Pediatria.

O conego Leovigildo Franca solicitou dispensa de membro da Comissão Executiva, sendo convidado para substituí-lo o conego dr. Henrique Magalhães, que aceitou a incumbência.

REGULAMENTO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA

1

A Conferência Nacional de Proteção à Infância, concebida e convocada pelo Chefe do Governo Provisório, realizar-se-á no Rio de Janeiro, em setembro de 1933.

2

Seu propósito é congregar os especialistas e estudiosos dos assuntos relativos à infância em nosso país, afim de examinarem em conjunto os problemas referentes à profissão e ao bem da criança, particularmente sobre os meios de preservá-la a vida, conservá-la e aperfeiçoá-la a saúde, favorecer-lhe o desenvolvimento físico e mental, e resguardá-la e ampará-la quando necessitada.

3

A Conferência procurará obter a colaboração das diferentes unidades federativas, que a ela enviarão seus representantes oficiais, escolhidos entre os mais competentes e dedicados especialistas.

4

Serão membros da Conferência:

- Os membros das Comissões de honra.
- Os membros da Comissão Executiva.
- Os representantes oficiais dos Estados e Municípios.
- Os representantes autorizados das instituições oficiais e particulares de proteção e assistência à infância no Brasil, e que manifestarem em tempo o seu propósito de tomar parte no certame.
- Todas as pessoas idôneas que requererem em tempo, e por escrito a sua inscrição.
- As pessoas a quem forem dirigidos convites pela Comissão Executiva.

— Os professores catedráticos das Clínicas Pediátricas e das cadeiras de Higiene das Faculdades de Medicina, e seus auxiliares; o pessoal técnico dos serviços da Saúde Pública e Higiene Infantil do Distrito Federal e dos Estados; os Presidentes das Sociedades de Pediatria; o da Associação Brasileira da Imprensa; os Diretores das Revistas Médicas.

— As Enfermeiras visitantes da Saúde Pública e suas respectivas chefes.

5

Nenhuma contribuição pecuniária será cobrada pela inscrição de membros.

6

Os membros inscritos da Conferência terão o direito de comparecer às sessões, apresentar comunicações, tomar parte nas discussões, assim como nas visitas, solenidades, excursões, etc. Neste último caso, os que não forem representantes oficiais pagarão de cada vez uma quota que será arbitrada pela Comissão Executiva.

7

A Comissão Executiva dará em tempo conhecimento aos congressistas das facilidades que houver obtido em empresas de navegação, estradas de ferro, hotéis, etc.

8

A Conferência será dividida em seções: Medicina, Educação, Higiene, Assistência, Legislação e Sociologia.

Estas seções poderão ser reunidas ou subdivididas a juízo da Comissão Executiva.

9

A Conferência será presidida pelo Chefe do Governo Provisório, por intermédio do Ministro da Educação e Saúde Pública.

10

A Comissão Executiva, composta de 5 membros nomeados pelo Ministro da Educação e Saúde Pública, escolherá entre si um Presidente, um Vice, um Secretário geral, um Secretário das Seções e um Tesoureiro.

A Comissão Executiva tem como atribuições:

- a) supervisionar os trabalhos de organização;
- b) dirigir a Conferência;
- c) entender-se com os Governos estaduais para a organização das comissões locais;

- d) designar os tópicos e convidar os relatores oficiais;
 e) nomear as mesas das Comissões seccionais;
 f) organizar o programa dos trabalhos, solenidades e excursões.

11

A Comissão Executiva terá à sua disposição o seguinte pessoal remunerado ou requisitado:

- Um Secretário
 Um ou mais Amanuênses
 Os datilógrafos necessários
 Um Comissário geral
 Um ou mais Auxiliares do Comissário
 Um Porteiro
 Um Contínuo de cada secção.

12

Cada secção funcionará separadamente, e será dirigida pela respectiva mesa. Haverá, porém, sessões de conjunto que se reunirão a juízo da Comissão Executiva.

13

Cada Estado enviará à Conferência o numero de representantes que julgar conveniente.

Nas questões sujeitas a votação, cada Estado terá apenas um voto se se tratar de assunto administrativo. Nos de interesse exclusivamente doutrinário ou científico, cada membro terá o seu voto individual.

14

Os trabalhos da Conferência constarão da leitura e discussão dos relatórios sobre os tópicos distribuídos pela Comissão Executiva.

Cada tema será confiado a um ou mais relatores desta Capital ou dos Estados. Cada relator poderá escolher livremente um colaborador para auxiliá-lo na execução do seu trabalho.

Todos os trabalhos deverão ser datilografados com entrelinha, e não devem exceder de 10 páginas do formato grande. Cada relatório será acompanhado de conclusões numeradas, apresentando a síntese do trabalho.

Não haverá temas livres: entretanto, a Comissão Executiva solicita dos interessados a apresentação de idéas ou sugestões relativas a assuntos não incluídos nos temas oficiais, idéas que poderão ser aceitas, a juízo da Comissão Executiva.

15

Todos os trabalhos deverão ser apresentados ao Secretário da Conferência até o dia 15 de agosto deste ano.

16

A Conferência celebrará as sessões plenárias que a Comissão Executiva achar necessárias e que serão destinadas a tratar dos temas por ela determinados.

17

A Conferência celebrará duas sessões solenes, a de abertura e a de encerramento.

Na abertura farão uso da palavra:

- a) a pessoa designada pelo Poder Executivo;
 b) o Presidente da Comissão Executiva;

c) um dos representantes dos Estados, previamente escolhido pelos seus colegas;

d) o Secretário Geral da Comissão Executiva, que dará breve conta dos trabalhos até então realizados.

Na sessão de encerramento farão uso da palavra:

a) o Secretário Geral da Comissão Executiva, que dará conta dos trabalhos executados pela Conferência, e os seus votos e conclusões;

b) um dos representantes dos Estados, previamente escolhido pelos seus colegas;

c) o Vice-Presidente da Comissão Executiva;

d) um delegado do Poder Executivo.

Nesta sessão será escolhida a Comissão Permanente.

18

A Comissão Executiva fará o programa do Congresso com a antecipação necessária para que seja conhecido de todos os Congressistas, antes de serem iniciados os trabalhos.

19

Os Presidentes das Secções estabelecerão previamente a ordem do dia, que será afixada nas respectivas sedes e publicada na imprensa.

20

A Conferência funcionará aproximadamente pelo espaço de 10 dias.

21

A Comissão Executiva publicará todos os trabalhos apresentados e votos aprovados, ficando a seu critério, conforme a importância dos aludidos trabalhos, publicá-los na íntegra, resumidos, ou sómente as suas conclusões.

22

Na última sessão de conjunto será escolhida uma Comissão Permanente, composta de 3 membros, encarregada de consubstanciar e metodizar os trabalhos e conclusões da Conferência, afim de serem apresentados ao Governo como sugestões práticas destinadas a indicar-lhe os métodos e diretrizes a seguir na obra de proteção á infancia, quer por meio de leis e regulamentos, quer por instituições adequadas.

TEXTO DO TELEGRAMA DIRIGIDO PELA COMISSÃO EXECUTIVA AOS INTERVENTORES

"Sr. Interventor Federal

Devendo reunir-se começo de setembro nesta Capital Conferência Nacional Proteção Infancia patrocinada Chefe Governo e sr. Ministro Educação e Saude, peço Vossencia enviar maxima urgencia diversos nomes higienistas juristas educadores filantropos interessados e competentes em assuntos proteção infancia afim serem convidados relatar temas e comparecerem. Oportunamente solicitarei nomes representantes.

Pela Comissão Executiva. — Olyntho Oliveira”.

As respostas a este telegrama estão começando a chegar à sede da Comissão Executiva.

O Governo resolveu abrir um crédito especial para acudir às despesas da Conferência.

A Conferência Nacional de Proteção à Infância, organizada sob o patrocínio do sr. dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório, iê-lo-á como seu presidente de honra.

Os nomes dos membros das Comissões de Honra serão publicados no proximo Boletim.

COMISSÃO EXECUTIVA

Dr. Olyntho de Oliveira, presidente — Rua Paisandú, n. 218.

Dr. J. C. A. Mello Mattos, vice-presidente — Avenida Atlantica, n. 468.

Dr. Massillon Saboia, secretário geral — Avenida Vieira Souto, n. 680.

Sra. Stella Guerra Duval, secretária das Secções — Rua Barão de Hambú, n. 34.

Conego Dr. Henrique Magalhães, tesoureiro — Igreja da Candelária, Rua da Quitanda.

Secretário da Conferência — Enés Martins Filho, Rua Benjamin Constant, 135 — Telefone, 5-6364.

Sede: Ministerio da Educação e Saude Publica, Rio de Janeiro.

Bibliotecas Infantis

Satisfiz-me devéras o movimento das bibliotecas infantis do meu grupo, durante 1932, não só por constituir um trabalho quasi que exclusivamente das crianças, como por se revestir sempre de um entusiasmo sem esmorecimentos.

Coube ao Clube de Leitura o desenvolvimento da biblioteca geral já iniciada desde 1930 e sob a orientação das alunas Maria Procopia de Jesus, Anna Pacheco e Elza André, classe de d. Antonina Flores de Assis; formou-se a biblioteca da sala de aula do 3.º ano, a qual, em poucos meses, se tornou volumosa e eficiente.

Entusiasmado com os resultados obtidos pelo 3.º ano, o aluno Dorvil Alves Teixeira, do 4.º ano, de colaboração

com os seus colegas, organizou, em poucos dias, a biblioteca da sua classe, e o mesmo fizeram também as alunas Maria do Carmo e Delza Lopes de Castro, no 3.º ano suplementar. Os resultados de tais iniciativas não tardaram a aparecer: houve debates e trocas de idéas para a escolha dos livros a serem adquiridos; escreveram-se mais de 50 cartinhas; pediram-se catálogos em três livrarias; endereçaram-se agradecimentos aos que atenderam aos pedidos; organizaram-se os catálogos das bibliotecas; colocaram-se novas fechaduras em três armários.

Aos sabados fazia-se, em todas as três classes, a hora da leitura, havendo comentarios a respeito.

Muito concorreram para o bom êxito das bibliotecas as professoras dd. Cecília de Jesus Teixeira, do 4.º ano, Isabel Vianna de Barros, do 3.º sup., e Antonina Flores de Assis, do 3.º ano. Esta última foi a que mais se esforçou para que não arrefecesse o entusiasmo de seus alunos em pról da boa leitura.

Clube de Leitura

Presidido pela quartanista Esther Silva, menina de muita disposição, genio sociavel e bom tino orientador, o Clube de Leitura tomou parte em todos os empreendimentos que surgiram no grupo, com relação ás bibliotecas, aos auditorios, á hora da leitura e ás consultas de livros. Realizou 8 sessões do auditorio infantil, cujos programas constaram de leitura, palestras, recitativos e alguns exercicios, tudo escolhido pelos próprios alunos e por êles copiado, quando se tratava de poesias.

Para lêr no auditorio eram escolhidos os mais desembaraçados e capazes de interpretar bem a leitura, assim como para fazer as palestras os que mais obras tivessem consultado durante a quinzena. Estas escolhas se faziam por votação, havendo discussões quando a maioria discordava.

ATIVIDADES ESCOLARES

Projéto

Considero o sistema de projéto como um dos mais proveitosos para a realização dos fins da escola ativa, porque, em nosso estabelecimento, êle produziu os melhores frutos, embora o meio escolar atrasado pouco favoreça o aparecimento das iniciativas das crianças. Entre os projéto elaborados pelas crianças e levados a efeito com entusiasmo, de-

vido á boa orientação das respectivas professoras, menciono os principais: o ajardinamento do pátio da secção feminina, pelo 4.º ano, classe de d. Cecília de Jesus Teixeira; as organizações das bibliotecas das salas de aula, pelos alunos do 4.º, 3.º anos e 3.º suplementar, regidos, o primeiro, pela professora já mencionada, e os outros, por dd. Isabel Vianna de Barros e Antonina Flores de Assis; a organização de uma casa comercial no 1.º ano-A, classe de d. Maria do Rosario da Conceição; a confecção de albums por todas as classes dos 2.º, 3.º e 4.º anos; a fabricação de estante por alguns alunos do 4.º ano, e formação de um pequeno museu por estes e pelo 3.º ano suplementar.

Como já tive ocasião de enviar relação minuciosa ao Corpo de Assistência Técnica do Ensino, laís empreendimentos foram desenvolvidos pelas crianças, não tendo entrado neste grupo uma só pessoa estranha para formar o jardim escolar.

Os pátios eram, em grande parte, ocupados por boieiras, e as crianças, com uma coragem admirável, deram-lhes uma boa aparência e cultivaram a terra, sem esmorecimentos. Quando surgiam as primeiras flores, em mesma enchimento de alegria e emoção, tal a festa dos alunos e as professoras notam que laís projectos despertam na maioria as seguintes qualidades: a) a cooperação; b) a noção de responsabilidade; c) o desejo de mais se esforçar para mais conseguir; d) a socialização; e) o combate á rivalidade e ao desejo de dominar; f) a perseverança; g) a união; h) a confiança em Deus; i) o amor ás coisas da natureza e aos livros; j) a compiacência nos seus julgamentos. Como confirmação ao que acabo de escrever, cito o seguinte: o auxilio que alguns alunos prestaram aos colegas, trazendo-lhes mudas de flores, gravuras para os albums, poesias e historias; o irrigamento e o zelo das plantas, quando o companheiro não podia fazê-lo; as razões que sempre apresentavam ao aluno Dorvil Alves Teixeira e a outros para combater-lhes o espirito de dominio, conseguindo regenerá-los; a paciencia com que replantavam as mudas, quando encontravam estragadas e arrancadas (porque houve tudo isto no inicio do projecto do ajardinamento); a confiança que dizem depositar em Nossa Senhora para o progresso das plantinhas, havendo até promessa; o carinho que dispensavam ás mudas novas; o perdão que concederam a uma aluna do 3.º ano suplementar, que arrancára um bello pé de saudades.

No desenrolar dos projectos tivemos que combater muitos defeitinhos como as intrigas dos lugares pequenos, etc.; mas, graças aos céus, tudo vencemos, reinando sempre o bom humor entre alunos e professoras.

Albums — Contém a biblioteca diversos albums organizados pelas crianças: 6 de historia, 4 de poesias, 2 de Historia do Brasil, 2 de hygiene, 1 de arte culinaria, 2 de religião, 1 de noções de coisas e geografia e 1 de gado mular e cavalari. Alguns de linguagem compõem-se de historias recontadas do "Almas-Gerais" e do "O Jornal", e os dos segundos anos, pequenas historias feitas pelos proprios alunos.

Diarios — Dois alunos do 4.º ano, Dorvil Alves Teixeira e Noemi Teixeira Marra, arranjaram interessantes diarios, e o mesmo fez a classe de d. Amasiles Geraldina da Costa Ribeiro, que presenteou a biblioteca com um bom diario. Além destes exercicios de composição existem tambem, no 3.º ano suplementar, planos de trabalhos cujas autoras são as alunas Cecília Teixeira Costa e Maria do Carmo Castro.

"O beija-flôr" — assim se chama o jornalzinho da classe do 2.º ano, de d. Amasiles Ribeiro, pequeno, noticioso, trabalho que figura agora na biblioteca infantil.

A aluna Esther Silva falou sobre "O papel e a sua origem" e sobre "A utilidade das aves e o amor que devemos lhes dispensar", consultando, para isso, o 3.º livro de Veiga Cabral, e Livro das Aves, de Prescilianna Duarte de Almeida. Julife Vasconcellos dissertou sobre — A existência do nosso estabelecimento desde a sua fundação — tendo que recorrer ás notas existentes no arquivo escolar. Ainda as alunas Maria da Gloria Bialho e Lina Maria da Conceição fizeram pequenas palestras sobre Tiradentes, a Independência do Brasil, a Patria, em sua propria linguagem.

Muito se distinguio, como tesoureira, a aluna Noemi Teixeira, que prestou ótimos serviços, apresentando muito bem as contas do Clube.

O Clube adquiriu 9 Hyrinhos, no valor de 17\$000, gastou com encapamento de todos os livros da biblioteca, 5\$000, mandou colocar nova chave no armario da biblioteca, por 2\$500, pagou, pelo porte de 25 cartas, 5\$000.

Tem atualmente um saldo de 4\$000.

Ofereceram livros ao Clube: d. Margarida da Silva Santos, 3; as alunas Noemi Teixeira Marra e Maria da Gloria Bialho, 4, todas da coleção "Encanto e Verdade", de Tales de Andrade e Arnaldo Barreto.

Auditorio

Como nos anos anteriores, não nos descuidámos do Auditorio, certas de que constitue elle um manancial de proveitosas oportunidades para o desenvolvimento da elocução, do gosto pelo bello, da socialização e de muitas outras virtudes indispensaveis ao aluno na vida prática. Felizmente as crianças também gostam do Auditorio, e uma alegria mais viva e mais sonora se nota no grupo, quando, na última hora, vai realizar-se uma sessão. Todos querem tomar parte na mesma. Muitas vezes chegavam alguns ao gabinete e me diziam frases como estas: "D. Catharina, a senhora acha que este exercicio meu serve para o Auditorio? "A senhora bem que podia arranjar uns versos *para mim* falar no Auditorio . . ."

Assim, organizámos 17 sessões, sendo 3 sob a orientação do Clube e 9 sob a de cada uma das professoras, com a minha colaboração. Procurámos variar muito as sessões e aproveitar todas as lições que se prestavam a isso. Afim de não ficar esquecida nenhuma criança, arranjavamos prosas sobre as excursões realizadas, sobre os trabalhos desenvolvidos em pról da biblioteca e sobre os projectos em andamento. Cada criança se encarregava de dizer o que fez ou observou, e, assim, todo assunto era minuciosamente exposto. Muito se desenvolveu a elocução e o vocabulario da meninada, e, por esse processo, tiveram occasião de se exhibir *os do cantinho*, O 1.º ano-B falou sobre a arvore e a excursão de 21 de setembro; o 1.º A, sobre a casa comercial que fizera na sala de aula; o 4.º ano, sobre a biblioteca, a excursão de 16 de setembro e o jardim escolar; os terceiros anos, sobre as bibliotecas das salas de aula e sua organização; e o 2.º ano, sobre as observações das férias.

O dia da leitura

Como sempre, destinamos 2 horas do dia de quinta-feira para a nossa reunião, de acôrdo com o art. 471, do Regulamento vigente. Afim de que mais eficiente se tornasse o nosso trabalho, elaborei o seguinte plano para o dia de quinta-feira:

- a) leitura da ata da última reunião;
- b) discussão da mesma;
- c) leitura interpretativa, pedagogica, pela professora previamente escalada;
- d) discussão, pelo professorado, das conclusões apre-

sentadas;

d) apresentação de assuntos relativos ao ensino, discussão dos projectos em andamento, excursões a se realizarem, etc. Isto nas primeiras e terceiras quinta-feiras de cada mês. Nas segundas e quartas quinta-feiras, em vez da leitura, o trabalho apresentado constará da exposição de uma questão relativa ao ensino, á escolha da professora, na lista dos temas que organizo para o ano letivo todo.

A mim também cabe a leitura e a dissertação sobre questões pedagogicas. Para a leitura usámos sempre da "Revista do Ensino", e, este ano, discutimos os seguintes trechos da mesma: "Classes para retardados e debéis organices", "O sentimento de inferioridade da criança", "O diario, suas vantagens e organização", "O que é a escola ativa", "Atividades das férias", "O auditorio e sua organização", "As excursões escolares", "A sala de aula e sua influencia no espirito dos alunos", "A escola ativa estudada através dos seus caracteristicos".

Relação das questões que elaborei para 1932

1.ª — Os testes de intelligência e os testes pedagogicos, suas vantagens e como applicá-los (Catharina Silveira).

2.ª — Desperta o interesse e o gosto do aluno a organização de albuns e concorre para desenvolver-lhes a cooperação? (d. Antonina Flores de Assis).

3.ª — Qual a vossa opinião sobre o diario feito pelo aluno, e muito em uso na Escola Nova? (d. Julieta Barros do Nascimento).

4.ª — As dramatizações e os proveitos que delas advêm para o ensino. Como organizá-las nas diversas classes do curso primario, de maneira que o aluno contribua o mais possivel para tal organização? (d. Amasiles Geraldina da Costa Ribeiro).

5.ª — Deve ser adotada pela professora a critica dos alunos sobre os trabalhos apresentados por elles mesmos, com razões bem explicadas e discutidas, ou achais pernicioso essa adoção? (d. Ione Silva).

6.ª — As excursões escolares e sua organização. Vantagens da apresentação de relatorios pela classe e sua demonstração prática no auditorio, por meio de desenhos, material intuitivo, etc. (d. Rosa Paolineli).

7.ª — A ornamentação das salas de aula e a sua influencia no espirito dos alunos. Dizer os melhores meios de tornar agradável a sala de aula. (d. Isabel Vianna de Barros).

8.ª — Como acostumar o aluno á frequência da biblioteca e a utilizar-se dos livros para a consulta das lições dadas em aula? (d. Cecília de Jesus Teixeira).

9.ª — As provas mensais organizadas como tem sido em nosso grupo, dão resultados satisfatórios? (d. Isabel Vianna de Barros).

10.ª — Os diversos métodos adotados para o ensino da leitura no 1.º ano, dizendo qual o melhor e mais eficiente. Exemplificação minuciosa do método referido. (d. Maria do Rosario).

11.ª — Como conseguir que os alunos falem o mais possível, contribuindo com grande soma para as lições, discutindo suas opiniões, apresentando suas idéas? (d. Jeny Paulineli).

12.ª — Como desenvolver entre os alunos o espírito de socialização que lhes será indispensável na vida prática? (Todas as professoras emitiram idéas).

— Outras questões foram por mim elaboradas, mas não chegaram a ser discutidas.

CATHARINA SILVEIRA,

diretora do grupo escolar de Japão.

TESTS ABC

Sua aplicação em Belo-Horizonte

Por Maria Angelica de Castro — Auxiliar do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, interessado na procura de métodos apropriados ao diagnóstico do indivíduo, apresenta em ligeira nota mais um resultado de suas experiências realizadas no correr do ano passado.

Com o fim de se verificar na entrada das aulas, entre as crianças novatas, "a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita", o conhecido professor brasileiro, dr. Lourenço Filho, elaborou um interessante test (1) aplicado às crianças das escolas de S. Paulo.

Este test, denominado ABC, contém oito questões — três se referem ao reconhecimento de fórmulas, duas fazem

apêlo á memória auditiva, duas á coordenação viso-motora e uma á fonética. É uma prova individual. Na sua avaliação, o resultado máximo é de 24 pontos.

O test foi amplamente aplicado nas escolas de S. Paulo, em 1931. O número de examinados subiu a 15.605 crianças, colaborando na experimentação 375 professores.

Entre nós as experiências se limitaram a um número reduzido — 193 crianças sómente (84 masculinos e 109 femininos), todas do primeiro ano escolar, realizando-se em outubro, por duas experimentadoras treinadas no Laboratório de Psicologia.

Os dados foram avaliados, segundo a técnica estabelecida pelo seu autor, calculando-se as médias para o total de examinados cujas idades variam de 7 a 14 anos (ver a tabulação n. 1).

Tabulação dos resultados

| Pontos | 7 anos | | 8 anos | | 9 anos | | 10 a 14 anos | |
|---------------------|--------|-------|--------|-----|--------|----|--------------|----|
| | M | F | M | F | M | F | M | F |
| 6 | 1 | | | | | | | 1 |
| 7 | | | 1 | | | | | |
| 8 | 2 | 1 | | | | | | |
| 9 | 3 | | 1 | | | | | |
| 10 | 3 | | | 1 | 1 | | | 1 |
| 11 | 1 | | 1 | 1 | 2 | | 1 | 2 |
| 12 | 1 | 2 | 1 | 3 | | 1 | 1 | 3 |
| 13 | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | | 1 | 3 |
| 14 | 5 | 4 | 1 | 3 | 3 | 1 | 2 | 2 |
| 15 | 4 | 7 | 4 | 5 | 2 | 1 | 2 | 2 |
| 16 | 4 | 5 | 2 | 10 | 2 | 3 | 1 | 4 |
| 17 | 8 | 7 | 1 | 4 | | 2 | 2 | 1 |
| 18 | 4 | 5 | 3 | 3 | | 1 | 3 | 4 |
| 19 | 1 | 2 | 2 | 3 | 1 | 1 | 2 | |
| 20 | | 1 | | | | | | 1 |
| 21 | | | | | | | | |
| | 35 | 37 | 19 | 39 | 15 | 11 | 14 | 22 |
| Total de alunos... | 192 | 72 | 58 | 26 | 36 | | | |
| Médiana (pontos)... | 15 | 15 | 13 | 15 | 19 | | | |
| Quartil super.... | 18 | 17 | 18 | 17 | 18 | | | |
| Quartil inferior... | 13 | 14 | 13 | 13 | 13 | | | |
| Desvio provavel... | ± 2,5 | ± 1,5 | ± 2,5 | ± 2 | ± 2,5 | | | |

(1) Noemy M. da Silveira — Um ensaio de organização de classes seletivas do 1.º grau, com o emprego dos tests ABC.

Tabulação dos resultados

Classes fortes (A B) e fracas (D)

| Pontos | A B | D |
|-------------------|-------|-------|
| 6 | | 2 |
| 7 | | 1 |
| 8 | | 3 |
| 9 | | 1 |
| 10 | | 4 |
| 11 | 2 | |
| 12 | 1 | 7 |
| 13 | 4 | 9 |
| 14 | 6 | 8 |
| 15 | 9 | 12 |
| 16 | 21 | 6 |
| 17 | 20 | 11 |
| 18 | 21 | 4 |
| 19 | 18 | 5 |
| 20 | 11 | |
| 21 | 4 | 1 |
| | 2 | |
| N.º de alunos 13 | | |
| Médiana 13 pontos | | |
| Quart. sup. 18 " | | |
| Quart. inf. 13 " | | |
| Desv. prov. ± 2,3 | | |
| | 119 | 74 |
| | 15 | 13 |
| | 16 | 16 |
| | 15 | 11 |
| | ± 1,3 | ± 2,5 |

TEST A B C NAS CLASSES FORTES E FRACAS

Haverá diferença entre os resultados obtidos no test A B C pelos alunos das classes fortes e fracas ?

Calculando a média dos pontos para 119 crianças classificadas em tipo (A B), segundo os resultados do test "Prime" por nós experimentado no início do ano e corrigido pela observação directa das professoras e 74 pertencentes às classes D (crianças retardadas), fomos encontrar as médias seguintes:

| Classes | Médias | Desvio provável | Máximo | Mínimo |
|---------|--------|-----------------|--------|--------|
| A B | 16,2 | ± 1,5 | 21 | 10 |
| D | 13,4 | ± 2,5 | 20 | 6 |

Observamos então que nas classes A B e D em que se notam diferenças acentuadas no modo de reagir de umas e outras crianças, o test oferecia pequena divergência nos resultados médios. Consideramos também os máximos e os mínimos alcançados pelas crianças que freqüentam estas duas categorias de classes e notamos ainda que pouca diferença existia entre os dados obtidos (ver a tabulação n.º 2).

Entretanto, para maior conhecimento do valor deste

test como medida de diagnóstico das possibilidades mentais das crianças que vão à escola pela primeira vez, usamos de outros meios de análise, empregando as fórmulas estatísticas que a ciência nos oferece para interpretação de fatos semelhantes.

Estabelecemos o coeficiente de associação, segundo a fórmula Yule, combinando os resultados alcançados no test pelas classes A B e D e distribuindo-os em 4 campos, conforme se achavam abaixo ou acima da média 15:

| | Acima da média | Abaixo da média |
|-------------|----------------|-----------------|
| Classes A B | 76 | 22 |
| " D | 21 | 46 |

$$\text{Coeficiente de associação } q = \frac{(76 \times 46) - (22 \times 21)}{(76 \times 46) + (22 \times 21)} = 0,766$$

O coeficiente de associação assim obtido, mostramos que o test A B C era uma medida que satisfazia o fim colimado.

TEST A B C E PRIME

Seria apreciável o grau de correlação estabelecida entre os resultados dos tests Prime e A B C ?

Dentre as crianças examinadas, 93 tinham os resultados obtidos no test "Prime" aplicado no começo do ano para a seleção das crianças novatas, registrados no Laboratório.

Estabelecemos uma comparação entre estas duas provas experimentais (test Prime e A B C). Ambas foram realizadas individualmente, o "Prime" em fevereiro e o A B C em outubro, isto é, quando as crianças já se achavam mais adaptadas à escola.

| | A B C | Prime |
|-------------------|-------|-------|
| Média total | 15,5 | 20,5 |
| Máximo | 21 | 30 |
| Mínimo | 6 | 1 |
| Desvios prováveis | ± 2,5 | ± 5 |

Confrontando assim os resultados médios, os máximos e os mínimos atingidos nos dois tests, constatamos que os extremos se distanciavam mais para o test Prime do que para o A B C. Os resultados desta confrontação nos deixavam ver que o primeiro destes tests, constituído de 30 questões ordenadas de acordo com as dificuldades, nos permite talvez melhor conhecer os diferentes níveis de inteligência.

| | Provas | A B % | D % |
|------|-----------------------------------|----------|--------|
| I | Cópia de figuras geométricas..... | 67,3 | 35 |
| VII | Recorte..... | 47 | 53 |
| III | Reprodução de movimentos..... | 41,6 | 29,3 |
| VIII | Pontuação..... | 31,6 | 31,5 |
| V | Reprodução de uma história..... | 29,7 | 17,3 |
| II | Reconhecimento de 7 figuras..... | 16 | 16 |
| IV | Reprodução de 7 palavras..... | 15,8 | 13,5 |
| VI | Pronúncia de 10 palavras..... | 9,6 | 1,3 |

CONCLUSÕES:

1) Os resultados do test ABC relacionados com os do Primeiro oferecem uma apreciável correlação (+0,68).

2) A comparação entre os resultados deste mesmo test para as crianças que freqüentam tipos diferentes de classes (AB e D) nos deixou também um regular coeficiente de associação (+0,76).

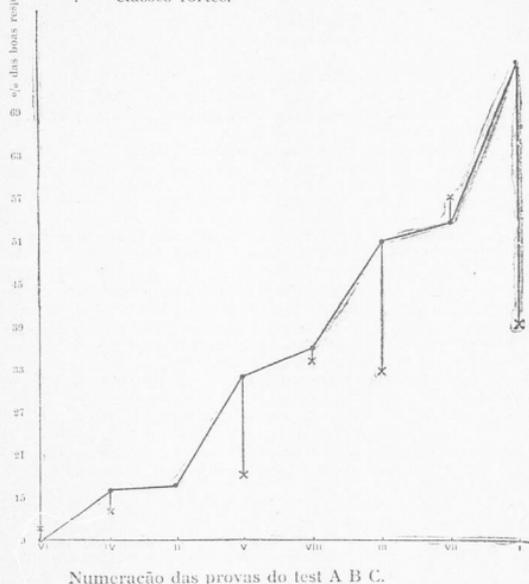
3) Estabelecendo a mesma relação entre os resultados do test em estudo e os alcançados pelo B. Hor. (test escolar de fim do ano) encontramos ainda muito bom coeficiente de associação (+0,92) e uma correlação positiva suficiente (+0,59).

4) A correlação obtida entre o test ABC e os resultados alcançados somente na parte relativa à língua pátria do test B. Hor. foi um pouco mais elevada ainda (+0,61).

Assim sendo, parece-nos eficiente a prova experimental já aplicada em S. Paulo, onde deu resultados satisfatórios; não como medida de prognóstico da "maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita", mas como meio de se avaliar o desenvolvimento geral da criança que vai à escola pela primeira vez. A correlação (+0,61) obtida entre os resultados desta prova e o n.º de pontos alcançados na parte relativa à língua pátria (leitura e escrita) do test B. Hor. pouco acima da que encontramos (+0,59), quando tomamos a totalidade dos pontos deste último test (língua pátria e aritmética) é o documento que temos para esta afirmação.

Grafico representando a % das boas respostas alcançadas pelo test A B C nas classes fortes (A B) e fracas (D).

x — classes fracas.
— classes fortes.



A ORTOPEDIA MENTAL

Exercícios de memória

por Helena Antipoff e Naytres de Rezende.

(Continuação)

Neste grupo podemos incluir uma quantidade de exercícios que se relacionem com a memória imediata. Estes dependerão também, em boa parte, da atenção que a criança mantiver durante um tempo dado.

As crianças que sabem escrever, poderão fazer os exercícios seguintes: Memória das palavras, das frases, de um trecho inteiro. O material poderá ser apresentado oralmente ou por escrito.

Memória das palavras — O experimentador ou o professor da classe lerá em voz alta uma série de palavras, 5, depois 10, 15, 30, segundo o desenvolvimento da atenção dos alunos. A leitura deverá ser feita com uma voz uniforme e com uma rapidez determinada, por exemplo, uma palavra por minuto ou dois minutos ou mesmo mais lentamente (a maior ou menor lentidão será devida às pausas entre as palavras e não à da pronúncia de cada palavra).

Eis, a título de exemplo, três séries de palavras com 2, 3 e 4 sílabas:

| | | |
|------------|--------------|------------------|
| 1 — papel | 1 — árvore | 1 — avenida |
| 2 — jardim | 2 — carneiro | 2 — tempestade |
| 3 — carne | 3 — banana | 3 — automóveis |
| 4 — lápis | 4 — tinteiro | 4 — camarada |
| 5 — cana | 5 — açougue | 5 — cachorrinho |
| 6 — planta | 6 — cavalo | 6 — laranjeira |
| 7 — vaca | 7 — borracha | 7 — alfinete |
| 8 — casa | 8 — folheto | 8 — tintureiro |
| 9 — vela | 9 — número | 9 — percevejo |
| 10 — livro | 10 — galinha | 10 — caderneta |
| 11 — caixa | 11 — gravura | 11 — chapéuzinho |
| 12 — homem | 12 — domingo | 12 — verdureiro |
| 13 — folha | 13 — caneta | 13 — gameleira |
| 14 — cana | 14 — revista | 14 — colarinho |
| 15 — gato | 15 — óculos | 15 — canivete |

Como para a repetição dos números, assim para a retenção de palavras — a diferença entre as idades é menos nítida do que as diferenças individuais das crianças da mesma

idade. Isto provém da diferença de aptidões, da atenção e também do modo de associar as palavras para serem melhor retidas.

O professor deve aproveitar os primeiros ensaios de cada exercício como de um verdadeiro test, no sentido de colher informações sobre as aptidões dos alunos. Posteriormente, os repetirá como exercícios de treino e de educação e por fim como um meio de controle dos progressos efetuados. Esta regra é geral para a maior parte dos exercícios de ortopedia mental e especialmente aplicável a este, no qual a avaliação dos resultados individuais é facilitada logo que as crianças saibam escrever.

Se as crianças não souberem escrever, o exercício se fará oralmente, e o professor tomará nota das respostas de algumas crianças que repetirão no ouvido do mestre as palavras que acabam de ouvir. Este processo não deixará de despertar a alegria dos pequenos conspiradores.

Damos abaixo a técnica do *Test de 15 palavras* (Clapartede) e a padronagem feita no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento com as crianças dos grupos escolares de Belo-Horizonte e os adultos — professoras-alunas da Escola.

Previne a criança que ela vai ouvir a leitura de 15 palavras que terá de escrever depois a um sinal dado, sem se preocupar porém com a ordem, devendo somente prestar atenção para guardar na memória o maior número possível.

Lê-se então em alta voz e lentamente (mais ou menos dois segundos para cada palavra) deixando-se um pequeno intervalo de dez segundos entre o fim da leitura da última palavra e o sinal que indica quando a criança deve começar a escrever, afim de evitar que o resultado obtido seja somente devido à memória imediata.

Procede-se do mesmo modo para a segunda série.

Série A

Tambor
Pena
Cinto
Café
Rosto
Campo
Filho
Gorro

1
2
3
4
5
6
7
8

Série B

Carlão
Padre
Mesa
Forno
Nuvem
Livro
Barco
Pardal

| | | |
|--------|----|-------|
| Barba | 9 | Lápis |
| Perú | 10 | Caixa |
| Casa | 11 | Serra |
| Jardim | 12 | Carne |
| Porta | 13 | Sabão |
| Véla | 14 | Faca |
| Peixe | 15 | Tinta |

Memoria dos numeros — O exercicio, o mais classico d'êste grupo, é a reprodução de numeros na mesma ordem que foram pronunciados e ditos uma só vez. A rapidez da enunciação pôde variar de dois numeros por segundo a um por 5".

A repetição dos numeros figura, para varias idades, na escala para a medida de intelligência de Binet-Simon, em Terman, em Mlle. Descouêres, etc. A experiência mostra que êste exercicio pôe em evidencia menos a memoria que a atenção e a extensão do campo de consciência, como lhe chamam certos psicologos. Com effeito, cada pessoa, sem treino especial, possui a extensão bastante constante e, enquanto certos são incapazes de guardar mais de 5 numeros, outros aprendem, sem esforço, 9 ou 10, em igualdade de condições, (é preciso, para comparar, empregar o mesmo método de fixação, isto é, fixar de um modo mais mecanico e retendo os numeros, sem fazer associações, sem os agrupar em torno de uma idéa).

Padrão para a apreciação da memoria (15 palavras)

| 6 e 7 anos 201 crianças | 8 e 9 anos 359 crianças | 10, 11 e 12 anos 336 crianças | Adultos 61 pacientes |
|----------------------------|----------------------------|----------------------------------|----------------------|
| 13 ^o - 22 | 101 - 25 | 190 - 27 | 19 - 27 |
| 91 - 14 | 90 - 17 | 80 - 7 | 91 - 24 |
| 59 - 12 | 80 - 15 | 80 - 17 | 89 - 23 |
| 73 - 11 | 75 - 11 | 70 - 16 | 75 - 22 |
| | 70 - 13 | 74 - 21 | 74 - 21 |
| | 60 - 12 | 60 - 15 | 61 - 19 |
| 55 - 10 | 50 - 11 | 51 - 14 | |
| 40 - 9 | 41 - 10 | 4 - 13 | 45 - 18 |
| 30 - 8 | 33 - 9 | 33 - 12 | |
| 25 | 23 - 1 | 25 - 19 | |
| 20 - 7 | 24 - 8 | 20 - 19 | 10 - 14 |
| 19 - 5 | 19 - 6 | 19 - 9 | 0 - 9 |
| 0 - 0 | 0 - 1 | 0 - 3 | |

A capacidade de reter séries de numeros mais ou menos longas aumenta com a idade. A escala Binet-Simon (Terman) nos dá as normas seguintes: a criança de 3 anos repete três numeros; a de 4 anos, quatro; cinco numeros são repetidos pela idade de 7 anos; seis numeros de 10 e sete de 14, finalmente oito numeros só são reproduzidos por pessoas especialmente dotadas, adultos. Isto é uma norma geral; os casos individuais são muito variados e a reprodução dos numeros é um teste que caracteriza mais a aptidão individual do que o desenvolvimento mental geral (ver o trabalho de melies, Gamsa, Zalkind e Fischer — Arch. De Psychologie). As diferenças entre as crianças de uma mesma idade são maiores que entre a média das crianças de idades diferentes.

TECNICA

Pedir às crianças que ouçam com muita atenção e não comecem antes da ordem, "Vocês vão ouvir alguns numeros e devem escrevê-los na mesma ordem em que foram falados, mas não escrevam enquanto eu não disser: "Comecem". Atenção! Levantem os lápis! (Chamar cada vez a atenção das crianças antes de dar a série. Lêr os numeros com voz monótona, sem nenhuma acentuação, sobretudo na última palavra, com rapidez um pouco maior de 1 algarismo por segundo).

Não deixar que as crianças escrevam sob o ditado, mas aguardam o fim da série e a ordem de escrever.)

| | | |
|------------|------------|------------|
| 53 | 27 | 67 |
| 697 | 908 | 325 |
| 7359 | 8145 | 9273 |
| 20861 | 17632 | 42895 |
| 629587 | 974813 | 905617 |
| 2681740 | 4253978 | 3564209 |
| 53827146 | 48527156 | 80336158 |
| 857324106 | 798322016 | 815270346 |
| 6410937257 | 5894062371 | 2075343197 |

O exercicio permite aumentar a extensão da série de numeros. Acrescentemos que êste exercicio pede uma considerável concentração da atenção.

Memória das frases — Foi de Binet e Henri (Année Ps. N. 1) que tiramos êste exercicio. Nós o encontramos igualmente na "Escala Binet-Simon" (Terman) para as idades de 3, 4 e 6 anos e adulto médio, os quais dão 6 a 7, 12 a 13, 16 a 18, e 28 silabas, respectivamente. Como não se trata aqui de uma memoria bruta, o exercicio pede mais compreensão do

que atenção, aumentando os resultados nitidamente com a idade.

O exercício pôde ser apresentado oralmente, e por escrito. No segundo caso o professor escreverá a frase no quadro, pedindo aos alunos de voltarem a cabeça em sentido oposto a este. Uma vez a frase escrita, será apresentada ás crianças durante um tempo determinado (15 segundos, 1/2 minuto ou mais, conforme o adiantamento dos alunos em leitura), apagando-a depois e pedindo-lhes que a reproduzam de memoria.

As frases devem ser curtas a principio (de 5 a 10 sílabas), aumentando com o progresso dos alunos (aproveitar os primeiros ensaios para julgar as diferenças individuais das crianças relativamente á memoria).

Na apreciação dos resultados, considera-se o numero de sílabas reproduzidas com perfeita exatidão:

| | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|---------|
| o sol é lindo | 5 | sílabas |
| a manhã é fresca | 6 | " |
| a boneca caiu no chão | 8 | " |
| meu lapis escreve muito bem | 9 | " |
| domingo, nós iremos passear | 10 | " |
| a galinha vermelha botou um ovo nós escrevemos bem direitinho nos nossos cadernos | 12 | " |
| | 16 | " |

etc., etc.

Pôde-se fazer o exercício precedente em fôrma de um jogo denominado "Telefone". Todos os alunos estão assentados em fileira ou círculo. O professor dirá no ouvido de seu vizinho uma frase curta, uma questão de preferéncia; este a transmitirá do mesmo modo ao seu colega, ao lado, e assim por diante, até que chegue ao ultimo, que deverá dizê-la em voz alta. Se a frase estiver alterada, deve-se verificar a partir de que a criança a alteração teve lugar.

Memória visual — Deixando de lado a *reconhecimento* que foi exercitada sob a fôrma de observação visual, em um dos capitulos precedentes, tomemos a memória visual sob a forma de reprodução integral.

Mostrar-se-á, por algum tempo, aos meninos, uma gravura, um quadro bastante grande para ser visto pela classe inteira, avisando-os préviamente de que o deverão olhar com bastante atenção, porque o quadro ficará diante de seus olhos durante um tempo curto. Querendo examinar a memoria

imediate, o professor, ao retirar o quadro, pedirá aos alunos para descrever o que nêle viram. Se as crianças sabem escrever, cada um o fará individualmente em seus cadernos, si não — contarão o que viram oralmente.

A experiencia pôde ser modificada de modo a examinar a memoria de conservação: neste caso, as crianças reproduzirão o que viram uma hora ou mais, após a apresentação do quadro.

Quando as crianças acabarem de narrar espontaneamente o que viram, o professor formulará questões sobre os detalhes do quadro, a cor, a posição, o numero de varios objectos, ação das personagens, etc.

Este interrogatório se assemelhará ao que se emprega no estudo psicologico do testemunho, si ao lado das questões apresentadas sobre os objectos reais da gravura, interrogar-se ainda sobre detalhes inexistentes, "forçando a memoria" e impellido-a pela sugestão a caminhos falsos.

Os exercicios do testemunho despertam nas crianças uma atenção muito sincera. Nada mais interessante do que vêr as crianças verificarem as "deposições" e confrontar suas recordações com o que o quadro representa realmente, quando se lhes mostra a segunda vez, uma vez feita a experiencia. E' por este meio que se experimenta educar a capacidade do testemunho justo e amplo. E' curioso constatar como a ciência psicologica não é unanime em attribuir a estes exercicios um valor educativo. Por exemplo, M. Lipmann, repetindo varias vezes as experiencias de fisica, que servem de bons meios para apreciar os diversos aspectos do testemunho — observação, memoria, formulação exata dos fatos observados, etc., nega o melhoramento sensível do testemunho depois de quatro ensaios. Sem a prova dos numeros em mãos, temos, ao contrario, sempre visto como as pessoas, após a primeira experiencia e depois de ter errado, tornam-se mais prudentes e portanto mais exatas, mais precisas em suas respostas posteriores.

A veracidade das respostas sobre a vista, é uma excelente virtude que devemos cultivar, o mais possível, porque, socialmente útil, permitirá evitar muito dos males que florescem hoje com tanto vigôr.

Entre as crianças anormais, igualmente, devemos muito nos esforçar para fazer relacionar com a exatidão das palavras ás coisas e aos atos que se acham ligados.

C) — Reprodução dos movimentos

Exemplos:

1) levar as mãos á cintura, depois aos ombros, á nuca e á cabeça; voltar em ordem regressiva;

2) colocar as mãos ao peito, á testa, levantar a posição vertical acima da cabeça; voltar em ordem regressiva;

3) bater palmas á frente, á direita, á esquerda, ao alto, etc.

c) — Reprodução das atividades

1) mão direita colocada na cintura, mão esquerda na altura do peito, rosto voltado para um lado;

2) pé direito á frente, braços cruzados, cabeça voltada para traz;

3) pés ligeiramente abertos, cabeça pendida para frente, uma mão colocada á testa, a outra nas costas, etc., etc.

Poder-se-ia fazer igualmente a experiência ou exercício do testemunho, praticando diante dos alunos um certo numero de atos seguidos e pedindo-lhes reproduzi-los na mesma ordem ou indicá-los verbalmente, por exemplo: a) reprodução dos atos:

1) o professor tira de sua pasta uma folha e um lapis;

2) escreve algumas palavras sôbre a folha;

3) dobra esta folha;

4) guarda-a na gaveta da mesa; ou ainda:

1) vai até ao armario;

2) abre a porta do armario;

3) aí toma um caderno;

4) coloca êste caderno sôbre a mesa;

5) toca no tímpano, etc., etc.

E' preciso pedir ás crianças que não se limitem a mencionar os atos, mas descrevê-los na mesma successão em que foram apresentados.

Memoria de um trecho da poesia, etc., (decorado) — Fazer as crianças decorarem um trecho, uma frase, um pouco longa, uma poesia, uma melodia, etc.

Si os alunos sabem lêr e escrever, distribue-se a cada um, uma folha de papel, mimiografada, com o texto a aprender. O professor fará a leitura do mesmo em voz alta para as crianças ouvirem, deixando depois que o decorrem durante um tempo determinado, por exemplo, 5 — 10 minutos. Em seguido, os textos serão recolhidos e as crianças reproduzirão de memoria em uma folha, tudo que tiverem retido.

Para utilizar esta prova como test de memoria, seguir

as instruções seguintes para correção e apreciar os resultados segundo o padrão do Laboratorio de Psicologia.

As crianças que não souberem lêr e escrever aprenderão, de viva voz, o trecho, repetindo-o em côro depois do professor, que anotará, para cada trecho, o numero de repetições feitas. Depois interrogará as crianças e escreverá os resultados para cada uma das interrogadas. Uma semana mais tarde, o mesmo test pôde servir de prova para examinar o grau de conservação da memoria: o professor lerá a poesia uma vez em voz alta, fazendo repetir em côro; depois chamará as que foram interrogadas da primeira vez.

Notando os resultados e o modo de memorizar e reproduzir de cada criança (em experiências diferentes, bem entendido, sem o que o exercicio se tornará longo e fastidioso), o professor terá pouco a pouco um conhecimento amplo e profundo das capacidades psíquicas de seus alunos.

Memoria de idéas — Foi ainda do genio de Binet que tiramos êste exercicio. Lêr-se-á ou contar-se-á, para as crianças ouvirem, um fato qualquer, contendo algumas ações bem nitidas e que se desenvolvam de um modo interessante para o nivel mental das crianças, pedindo-lhes contar tudo de que se lembram da história lida ou contada. Não se pede palavra por palavra na reprodução; conta-se o numero de idéas retidas pela criança.

Na Escala Binet-Simon (Terman), aos 10 anos, a criança lê um texto impresso e reproduz de memoria, 8 idéas do trecho.

Exemplos para inicio:

"Uma senhora comprou ovos no mercado. No momento em que ia tomar o bonde, o cesto virou e 3 ovos caíram no chão e quebraram-se".

"Maria passeava com sua mamãe; de repente um vento forte começou a soprar e arrancou o chapéu de Maria, arrastando-o por terra".

"Ha dois meses Maria plantou flôres. Elas cresceram muito depois da chuva. Ontem Maria as colheu e nos ofereceu um lindo "bouquet" de cravos vermelhos".

"Dois passarinhos começaram a construir seu ninho. Quando ficou pronto, cinco ovinhos muito brancos vieram enfeitar o fundo do ninho. Três semanas mais tarde, cinco filhotinhos abriram seus bicos pedindo alimento.

Outros exercicios podem ser incluídos no mesmo grupo, como:

a) apresentar um a um diversos objetos, mostrando durante alguns segundos cada um de uma série de 4, 6, 8, 10, 12 e mais objetos. Depois de toda série mostrada, os alunos vão escrever o nome dos que se lembrarem. Se não sabem escrever, dirão oralmente, ou desenharão;

b) ao invés de apresentar os objetos sucessivamente, neste exercício os objetos serão mostrados todos de uma vez, tirando por 20-30 segundos ou mais a cartolina ou o pano que os cobria. O professor notará para cada criança qual é o número dos objetos que podem ser retidos;

c) três ou quatro objetos vão ser colocados à mesa, em determinada posição. Depois de observadas pela classe durante um curto tempo, serão trocados do lugar e mudados de posição — para que os alunos indiquem a colocação primeira ou os ponham de novo em seus lugares.

d) ao invés de objetos, poderão ser apresentados no quadro negro, ou feitos em uma folha de cartolina, desenhos simples, sinais geométricos, rosaceas, etc., para que as crianças os reproduzam em seus papéis, depois de observá-los durante algum tempo (30 — 60 segundos), conforme a complexidade das figuras.

